

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DAVINA MARQUES



1290005018



FE

TCC/UNICAMP M348e

ENTRE-LAÇOS:
MEMÓRIAS DE FORMAÇÃO E HISTÓRIAS DE VIDA

Campinas

2010

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

h0fh2010e

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

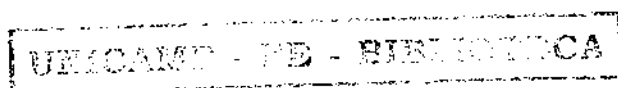
DAVINA MARQUES

**ENTRE-LAÇOS:
MEMÓRIAS DE FORMAÇÃO E HISTÓRIAS DE VIDA**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Unicamp, para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, sob orientação da Profa. Dra. Maria do Carmo Martins.

Campinas

2010



UNIDADE:	FE
Nº CHAMADA	TEC/Unicamp
	m342e
V:	EX:
Tombo:	5028
PROC.:	134/10
C:	x
PREÇO:	11,00
DATA:	05.10.10
CÓD TÍTULO:	7719.01

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecária: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

M348e Marques, Davina
Entre-lacos: memórias de formação e histórias de vida / Davina Marques. ...
Campinas, SP : [s.n.], 2010.

Orientador : Maria do Carmo Martins.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. História de vida. 2. Formação de professores. 3. Memórias. 4. Escola
normal. I. Martins, Maria do Carmo. II. Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Educação. III. Título.

10-151-BFE

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso

**ENTRE-LAÇOS:
MEMÓRIAS DE FORMAÇÃO E HISTÓRIAS DE VIDA**

Autora: Davina Marques

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Carmo Martins

Este exemplar corresponde à redação final da monografia apresentada por Davina Marques e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 15 de julho de 2010.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Maria do Carmo Martins

Prof. Dr. Sílvio Donizetti de Oliveira Gallo

FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP

2010

Para Anna
Para Álvaro

AGRADECIMENTOS

*Aos meus pais,
pela generosidade das trocas e pelo caminho percorrido em parceria.*

*À minha orientadora, Carminha,
pelo carinho e pela segurança das orientações.
Por ter me levado a conhecer esse universo das histórias de vida e de formação.*

*Ao Sílvio,
por ter participado também deste momento da minha vida acadêmica.*

Aos mestres que me inspiraram e me inspiram a aprender e a ensinar.

RESUMO

Esta pesquisa, feita com pessoas satisfeitas com o seu processo de formação profissional e acadêmica, interessou-se pelo registro de dados, pelas histórias de vida de dois sujeitos, Álvaro e Anna. Formados na Escola Normal, mais especificamente, no Instituto de Educação "Sud Mennucci", de Piracicaba, estado de São Paulo, nos meados do século passado, ambos se referem à sua formação com elogios, destacando a competência técnica que adquiriram naquela época. Apresentamos o processo de escolarização de Álvaro e Anna, com as escolhas e os motivos que os levaram a atuar neste ou naquele espaço, atrelando seus relatos às suas histórias de vida. Além do registro em forma de entrevistas, buscamos coletar dados de sua experiência profissional que pudessem ser também referendados em objetos de memória. O resultado foi o entrelaçamento de escolhas e de momentos de vida com objetos pessoais e profissionais que constituem um material rico para os estudos de memória, aqui entendida como uma relação com o tempo presente como um cone invertido, bergsoniano, com muitas possibilidades de atualização de tempos outros. Trabalhamos, portanto, com a concepção de pesquisa em educação de Ivor Goodson, que entende que as escolhas profissionais estão intimamente conectadas às histórias de vida. Assim, aproximamo-nos dos objetos perguntando o que, que sentimentos, que ensinamentos cada um deles atualizava e ainda atualiza hoje, para aqueles interessados pelo tema da educação.

Palavras-chave: Histórias de vida; Formação de professores; Memórias de formação; Escola Normal.

SUMÁRIO

De Como Fazer	p.09
Da Memória	p.12
Do Instituto de Educação “Sud Mennucci”	p.14
De Álvaro	p. 17
De Anna	p.24
De Álvaro e Anna	p.29
Do Programa de Estudos	p.32
Dos Objetos de Memória	p.35
a. Um caderninho	p.36
b. Um anel	p.42
c. Um recorte de jornal	p.44
d. Entre Fotos	p.46
Do Tangível e do Intangível	p.49
Referências Bibliográficas	p.51
Referências das Imagens	p.52
Anexos	p.53

De Como Fazer

Pensar a maneira como se vai fazer um trabalho de pesquisa tem a ver com o estabelecimento de uma problemática, o exercício de varredura teórica e a escolha de uma estratégia de trabalho.

O interesse primeiro deste trabalho foi um trazer à tona o processo de escolarização de Álvaro e Anna, discutir suas escolhas e os motivos que os levaram a atuar neste ou naquele espaço, atrelando suas escolhas às suas histórias de vida.

Álvaro e Anna trabalharam em educação pública mesmo depois de aposentarem. Quando se referem a seu processo de formação, à Escola Normal, sentem orgulho e afirmam que sua preparação para o ofício de educador foi excelente. Intrigante essa certeza em um mundo em que há tanta queixa e crítica aos programas de formação docente. Atualmente, os estudantes dos cursos de Pedagogia nunca veem sua formação sem críticas, sentem-se comumente despreparados para assumir aulas e classes. O que foi diferente para esses dois sujeitos? O que havia em sua formação que lhes assegurava a confiança do exercício da profissão?

Sérgio Cardoso, em “O olhar viajante (do etnólogo)”, afirma: “Nossa certeza mais primitiva é mesmo a de ver o mundo”. Problematizando o *ver* em oposição a *olhar*, esse autor entende que o primeiro é, de certa maneira, uma ação passiva, desatenta, ingênua diante das coisas. Por outro lado, *olhar* é diferente, tem intenção, interioridade, pressupõe investigação. Eu *via* Álvaro e Anna falando de sua escola, do curso normal, e decidi *olhar* para eles, buscando entender melhor o que *ouvira*.

Ouvir foi parte importante desta pesquisa. Explorei o recurso da entrevista. Entrevistei longamente os dois e ouvi diversas vezes as vozes de Álvaro e Anna, separados, contando sobre os momentos de formação e inserção na carreira. Em “O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever”, Roberto Cardoso de Oliveira nos lembra que depois do olhar cuidadoso o pesquisador precisa de um “ouvir especial” (OLIVEIRA, 1996, p.07). A entrevista, para ele, tem a ver com esse ouvir. Nunca há neutralidade nesse ouvir e há que se pensar a relação entrevistador e entrevistado. Aqui temos um problema: a entrevistadora é filha dos entrevistados, mais ainda, filha que se sente orgulhosa do trabalho dos pais, que se remete à postura deles em educação como referência de trabalho. Estaria a pesquisa totalmente

contaminada? Seria possível o “distanciamento” necessário para a escrita sobre a vida desses dois sujeitos?

Como se pode ver, o processo, o caminhar da pesquisa foi nômade, sem muita direção objetiva no início e com muitas idas e vindas. Entendo como rizomático o processo de construção do conhecimento neste trabalho. Rizomático no sentido deleuziano, não hierárquico, passível de várias entradas, que levam a várias direções. Também com Gilles Deleuze entendia que esse é o caminho mais potente, já que explora de maneira mais incontrolável as intensidades dos acontecimentos. À medida que ia me aproximando da história de Álvaro e Anna, os meus pais ora se aproximavam mais, ora se distanciavam bastante. Entre os seus relatos, eu busquei registrar aqui aqueles momentos mais valorizados por eles nas entrevistas (foram duas, feitas separadamente). É difícil afirmar que são os momentos realmente mais importantes para eles, mas o que eu fiz foi, nesse ouvir especial, explorar os sons mais intensos de voz, de afirmação de uma postura, de um pensamento.

A fala de Álvaro, por exemplo, é mais direcionada a nos contar sobre os mecanismos e os funcionamentos das instituições e dos processos de sua carreira. A fala de Anna é mais apaixonada, mais emotiva. Em vários momentos da entrevista a sua voz foi embargada pela emoção do que relatava. Existe uma questão de gênero que esse trabalho com a narrativa dos dois poderia explorar, já que os relatos seguem por caminhos tão distintos. Ele se volta para uma afirmação no espaço público, da atuação profissional, de uma postura política mais direcionada à estrutura do ensino. Ela se volta para o espaço privado, das lutas e das conquistas pessoais, dos encontros. Entretanto, escolhi enfatizar outras questões, pois me interessava apresentar as suas histórias, mais do que fazer uma análise de seus discursos, ainda que essa perspectiva tenha me parecido bastante interessante enquanto construía este trabalho.

Estava (estou) lidando com memória. E precisava entender a memória com relação a algo mais concreto. Pedi a eles que escolhessem ou me apresentassem o que chamei de *objetos de memória*. Anna, antes mesmo de lhe perguntar, já havia se emocionado ao contar sobre o seu anel de formatura. Álvaro não gosta de anel, e disse que não tinha um objeto especial para apresentar. Entretanto, ele é a pessoa do casal que mais guarda as coisas, os documentos, recortes de jornal, cadernos da época em que estudaram. Anna disse que “ele nunca deixou jogar fora”. Como filha, com sua permissão, abri armários e encontrei revistas, papéis, pastas cheias de tesouros.

A pesquisa nos ensina a importância do recorte. Escolhi dois objetos que pudessem

explorar um pouco de cada um individualmente, um objeto comum aos dois, e um terceiro (na verdade três fotografias) que trouxessem nós três, sujeitos da pesquisa e pesquisadora, juntos. De Anna, o anel de formatura. De Álvaro, um recorde de jornal. Dos dois um caderno do início da carreira. De nós três as fotografias de formatura. Trabalho com a concepção de pesquisa em educação de Ivor Goodson, que entende que as escolhas profissionais estão intimamente conectadas às histórias de vida. Esse pesquisador defende que conhecendo a vida de um sujeito de pesquisa teremos melhores condições de entender o seu ser e estar profissional.

A concepção de memória que escolhi está na relação com a primeira síntese do tempo que Gilles Deleuze apresenta. Entendendo o tempo presente como um cone invertido, bergsoniano, com muitas possibilidades de atualização de tempos outros, aproximei-me dos objetos perguntando o que, que sentimentos, que ensinamentos cada um deles atualizava.

Desta maneira, parti para a escrita do texto propriamente dito. E esse ato de escrever e de pensar (OLIVEIRA, 1998) foi diversas vezes tomado e retomado, tentando fazer com que os sujeitos aparecessem aos olhos do leitor. Usei as aspas nesta escrita, apenas para incorporar ao texto as falas literais de Álvaro e Anna.

O trabalho foi dividido em partes, além desta, **De Como Fazer**. Em **Da Memória**, apresento a concepção de memória escolhida, com Beatriz Sarlo e Gilles Deleuze. **Do Instituto de Educação “Sud Mennucci”** traz uma breve história da escola onde Álvaro e Anna fizeram o Curso Normal. **De Álvaro**, **De Anna** e **De Álvaro e Anna**, respectivamente, trazem as suas histórias de formação, entrelaçadas às suas histórias de vida. Em **Do Programa de Estudos**, apresento os destaques que Álvaro e Anna fazem daquilo que estudaram e das pessoas, professores, que encontraram no Instituto de Educação Sud Mennucci. **Dos Objetos de Memória**, dividido em quatro partes (a. Um caderninho; b. Um anel; c. Um recorte de jornal; d. Entre fotos), apresenta os objetos que selecionei para entrelaçar a história de vida à história de formação. As considerações finais estão em **Do Tangível e do Intangível**.

Da Memória¹

Amar o perdido
deixa confundido
este coração.

Nada pode o olvido

contra o sem sentido
apelo do Não.

As coisas tangíveis
tornam-se sensíveis
à palma da mão.

Mas as coisas findas,
muito mais que lindas,
essas ficarão.

Memória

Carlos Drummond de Andrade

Este poema de Carlos Drummond de Andrade enuncia os efeitos da memória em nós. Mais ainda, ele anuncia em seus versos a força daquilo que não mais é, mas que ficou. É possível dizer, com o poeta, que a memória se opõe ao olvidar, mas é interessante pensá-la a partir de um reviver sensorial e afetivo de algo que ainda afeta o agora.

A imagem bergsoniana do cone invertido, do tempo presente recebendo lençóis-camadas de outros tempos é impactante e funciona para problematizarmos o que entendemos por memória. Imagine o ponto presente como a ponta de um cone que se abre e carrega em si outras camadas de tempo em toda a sua extensão. Esses lençóis de passado coexistem no tempo presente na vida de alguém: infância, juventude, fase adulta, velhice... Tudo o que já experimentamos e fomos em nossas vidas enche o cone invertido em camadas potenciais, virtuais, que podem ser retomadas, atualizadas, no ponto do cone do momento presente¹. Nas palavras da escritora argentina Beatriz Sarlo, “(...) o passado se *faz presente* e o tempo da lembrança é o presente, um presente com um tempo anterior sempre a afetá-lo” (SARLO, 2007, p.10).

Quando eu me propus a fazer uma pesquisa de memória, que se dispõe a pensar a

¹ Essa é a primeira síntese do tempo, de acordo com os escritos de Gilles Deleuze. Ver *Diferença e Repetição* e *Cinema 2 – A imagem-tempo*.

história de vida e de formação de um sujeito, eu me vi em conflito com um pensar sobre a história de vida como um contínuo interpretável ou como um tempo anterior passível de reconstituição, ou ainda, como uma construção sobre momentos de vida desse sujeito. O meu desejo, ao contrário, foi o de explorar a história de vida e de formação como um sacudir de lençóis do passado que afetam os sujeitos ainda hoje, e que possam vir a afetar também os que se dedicarem a ler este trabalho.

Com Ivor Goodson (1991), quero destacar a ideia de que o educador é uma voz, não apenas uma prática docente, em seu fazer e estar cotidiano na educação. As decisões de carreira, as partes desse processo, não são um contínuo em estreita relação de causa e efeito². As escolhas profissionais, bem como as práticas de ensino, têm a ver com o contexto próprio das nossas vidas, com momentos e tempos atravessados pela cultura e pelas subculturas dos espaços em que estamos inseridos. Segundo Goodson (1985), estudar a vida de um professor traz à tona uma série de questões que podem nos ajudar até a entender sua maneira de atuar na sala de aula.

Entendo que um trabalho que se organiza na relação com a memória tem como foco a constituição de saberes especializados em espaços determinados. Pretendo buscar como se dá a produção de conhecimento. Como estes sujeitos entendem que aprenderam a ser o que são?

Neste trabalho, fala-se de formação. Interessa conhecer e apresentar a maneira como os sujeitos desta pesquisa entenderam sua formação profissional. Fala-se também de histórias de vida, pois, ao reconstituir sua formação, o indivíduo retoma a sua própria história, em lençóis de passado. Fala-se de escolhas, de laços que se constroem e que nos organizam como pessoas e profissionais. Fala-se também de objetos, coisas que escaparam ao olvidar e que resistem no presente como memórias tangíveis. Entendo que estes objetos ajudam a recontar uma história.

No percurso desta pesquisa, fui obrigada a fazer escolhas: montar é contar diferente, não é o mesmo que recontar, não viveremos tudo de novo da mesma maneira. Aqui, no espaço escrito, muito ficou de fora. Vou contar um pouco do que ficou, já agradecendo a nossos personagens principais, Álvaro e Anna, dois educadores, profissionais da educação, ambos dedicados à escola pública, em todos os seus níveis, desde a atuação como professores de escola primária até o cargo de supervisores de ensino. Vou falar também de um certo espaço: o Instituto de Educação Sud Mennucci, onde a nossa história começou.

² Critica-se aqui a noção de *trajetória* do profissional, como se houvesse um caminho início-fim estabelecido *a priori*. Estamos sempre em meio a um turbilhão de acontecimentos e contatos e fazemos escolhas, a cada momento. Podemos, no máximo, mapear alguns acontecimentos em uma história de vida ou de formação.

Do Instituto de Educação “Sud Mennucci”



Figura 01: Foto Antiga da Escola

Em 21 de abril de 1897, o então presidente³ do estado de São Paulo, Bernardino José de Campos Jr, em um de seus últimos decretos, criou a Escola Complementar de Piracicaba. Esta escola, em 29 de março de 1911, passou a ser chamada de Escola Normal de Piracicaba, mas mudou novamente de nome no dia 1º de março de 1945, recebendo o nome de um de seus alunos mais ilustres, Sud Mennucci. Em 7 de agosto de 1953, foi assinado um decreto transformando a Escola Normal Sud Mennucci de Piracicaba em Instituto de Educação "Sud Mennucci" de Piracicaba. No dia 20 de janeiro de 1976, passou a Escola de Primeiro e Segundo Graus “Sud Mennucci”, e atualmente, é uma escola pública estadual que oferece Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Sud Mennucci (1892-1948) formou-se na Escola Complementar de Piracicaba em 1908, e destacou-se como educador, jornalista e escritor. Como jornalista, chegou a ser amigo pessoal de Júlio de Mesquita Filho e convidado para trabalhar na redação de *O Estado de S.Paulo*, vindo também a assumir o cargo de diretor da *Imprensa Oficial do Estado de S.Paulo*. Como escritor, escreveu obras como *A Crise Brasileira de Educação*, *História do Ensino Público no Brasil*, e *Brasil Desunido*, cujos títulos sugerem seu envolvimento político com o tema da educação. Como professor, profissão que deu início a sua carreira, abraçou a causa do ensino público e para todos, e chegou a cargos importantes de delegado regional de

³ Assim eram chamados os governadores do estado entre os anos de 1889 e 1930, de acordo com a Constituição Estadual de São Paulo de 1891.

Ensino de Campinas, de diretor do departamento de Educação de São Paulo, além de ter sido um dos fundadores do Centro do Professorado Paulista⁴.

O Instituto de Educação "Sud Mennucci", ou o *Sud*, como é carinhosamente chamado por Álvaro e Anna, foi um marco na vida dos dois e de muitos de seus alunos. A turma de Álvaro, de 1953, desde o jubileu de prata de sua formatura, tem se encontrado anualmente, sempre no dia 15 de outubro, dia do professor.

Em um álbum especialmente organizado para o jubileu, sentimos a importância da formação nesse instituto de educação, nas palavras daquele que compilou o material, em outubro de 1978:

Queridos colegas

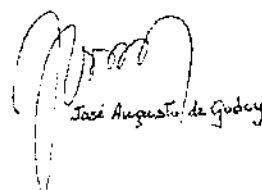
Quando, faz vinte e cinco anos, ao deixarmos o convívio diário na "SUD MENNUCCI", eu resolvi fotografá-los para montar um álbum visual, jamais tive a intenção de demorar tanto tempo na conclusão do meu trabalho.

Durante um quarto de século, numa atitude de certa forma egoísta, fiquei na companhia de vocês todos. Eu sempre os encontrava nos meus arquivos, com muita saudade. Saudade de tudo que tivemos e fizemos, do nosso tempo, da nossa gente, da nossa Escola.

Mas foi das mais gratificantes a tarefa de vasculhar os velhos registros guardados, na tentativa de associar os seus nomes com as fotografias já desgastadas pela ação do tempo. Desculpem se eu troquei algumas legendas dos nomes. Afinal, a memória também se desgasta.

Ofereço a vocês esta lembrança quase completa de nós estudantes formandos. Saibam que eu os guardei com o mesmo carinho de quando éramos colegas. Embora enclausurados nos arquivos, vocês sempre estiveram presentes, na lembrança e no coração.

Que o nosso jubileu de prata possa sempre ser lembrado com a mesma alegria dos velhos tempos.



José Augusto de Godoy

Figura 02: Introdução ao Álbum Comemorativo dos 25 anos de Formatura da Turma de 1953.

⁴ Para mais informações sobre Sud Mennucci, leia a sua biografia publicada por GIESBRECHT, Ralph Mennucci. *Sud Mennucci: memórias de Piracicaba, Porto Ferreira, São Paulo...* Para as ideias de Sud Mennucci sobre educação, leia a dissertação de mestrado de Isabel Cristina Rossi Mattos, *A concepção de educação nas obras de Sud Mennucci* (2004).

O álbum traz fotos de cada um dos formandos, dos professores, de alunos em atividades culturais (orfeão, por exemplo) e de estudos, e algumas imagens da escola, à época da formatura. Álvaro, desde a festa dos 25 anos, tem feito filmagens dos encontros, que transformou em DVD no ano passado, 2009.



Instituto de Educação "Sud Mennucci"

Figura 03: Capa do Álbum

De Álvaro

No dia 26 de julho de 2009 fiz uma longa entrevista com Álvaro, que começou falando seriamente, com frases curtas. A primeira pergunta, sobre datas, sobre quando começou a estudar, preencheu o som de reticências. Então ele foi contando os anos importantes e chegou ao da formatura do Curso Normal em 1953.

Nascido em 1931, com quase setenta e oito anos na data da nossa conversa, lentamente ele foi mergulhando em recordações e elencou lugares e pessoas importantes do seu fazer-se profissional.

Aluno do Sud Mennucci, ele nos contou por que quis ser professor: “Por quê? Ah... Não tinha escolha...” Em Piracicaba havia a Escola de Agronomia, “famosa, difícilíssima de entrar, inclusive estrangeiros prestavam o concurso pra lá”, e o Normal. Outras possibilidades de estudo incluíam cursos profissionalizantes na área comercial, como o de Contabilidade, de Mecânica, ligadas, por exemplo, ao SESI, mas nada disso interessava a ele: “então, dei continuidade, fazendo na própria escola, fazer o Normal”.

Não há romantismo nem idealismo em sua escolha. Ele não tinha condições financeiras para estudar fora, analisou suas opções e ficou com aquilo que mais se aproximava de seus interesses. Entre trabalhar e estudar, estudar. Entre as possibilidades de estudo, o que fosse mais próximo daquilo que lhe agradasse.

Depois do ginásio, que funcionava como o ciclo final do Ensino Fundamental de hoje, os alunos estudavam mais três anos e podiam optar entre três cursos: “Era o Clássico, em que a gente estudava latim, grego, mais pra línguas. O Científico, preparava para a faculdade, que hoje é o colegial (...). E o Normal, que era específico pra... pra ensino, de professor”.

Álvaro tentou fazer o Científico e o Normal ao mesmo tempo, mas acabou desistindo. Não gostava do peso das exatas no currículo científico, “que era mais matemática, física, química”, e preferiu se dedicar àquilo que lhe trazia mais prazer: “psicologia, filosofia, sociologia”... Entretanto, o curso Normal também era forte e, ainda que não fosse direcionado a dar ao aluno a base necessária para seguir seus estudos, “a base que quem fazia especificamente Científico”, era possível prestar exame para universidade também apenas com o curso Normal. Sabendo que poderia mudar de ideia no futuro, Álvaro ficou apenas com o Normal: “Se não desse, eu ia pra outro lado. Mas já de cara vi que tinha parte que me

interessava, fiz Normal e depois segui”.

Havia muitas dificuldades para um professor em início de carreira nos anos 50. Antes de assumir uma sala como professor efetivo, aquilo que se chamava de *ingressar*, era importante *acumular pontos*, através de cursos de aperfeiçoamento, de substituição de professores, dando aula, aprovando alunos no final do ano letivo. Assim, depois de formado, era importante “ter uns dois anos de experiência contando ponto”. O valor dos pontos variava, inclusive, de acordo com o lugar onde o professor trabalhava, “conforme a pessoa trabalhasse em zona rural, urbana, ou semiurbana”. Os pontos respectivos eram “dois, um, e um e meio por dia”. Isto também tinha peso diferente para a classificação. Álvaro sabia que, considerando o estado de São Paulo inteiro, era preciso trabalhar pelo menos dois anos antes de conseguir os pontos suficientes para seu ingresso efetivo na carreira.

Vindo de família humilde, Álvaro precisava começar logo a trabalhar, conseguir os pontos necessários para exercer sua profissão. Mas havia também outros motivos, pessoais: sua mãe “tinha falecido há muito tempo”, quando ele ainda estava no ginásio, e seu pai “era maquinista da Paulista”, e morreu um ano depois da formatura do filho. Álvaro sentia que precisava começar logo a se “sustentar, pelo menos”. Nessa época começou a morar em pensões, sempre que voltava a Piracicaba, ou nos lugares onde trabalhava e não recebia estadia.

Apesar das dificuldades financeiras, todos puderam estudar na sua família. Pelo menos, os homens.... Os outros irmãos estudaram, mas dedicaram-se à contabilidade. Ele tinha irmãs, mas as “mulheres não estudaram”. Álvaro atribui isso a desinteresse: elas não estudaram porque “não quiseram, não se interessaram, naquele tempo não tinha muito interesse – pela idade delas (...) o interesse feminino naquela época não era muito grande”. Na verdade, veremos que não era tão simples uma mulher querer estudar naquele tempo, quando dermos voz a Anna. Por enquanto, sigamos com as dificuldades de Álvaro. É incrível como, ainda que houvesse trabalho, o professor precisava viajar, pedir, buscar, cavar suas oportunidades. Ele praticamente teve que percorrer o estado de São Paulo inteiro, “ia... onde sabia que tinha alguma coisa procurava por lá”, seguindo os caminhos abertos pelas estradas de ferro: “a Paulista, a Sorocabana, a Araraquarense, (...) Santos, aquela parte (...) que ia lá pra Iguape”... Do litoral a Presidente Prudente ele tentou, procurou colegas do Sud Mennucci, e não achou nada. Pelo menos no começo.

Chateado, de volta para casa, em Piracicaba, depois da primeira longa tentativa viajando, analisou as suas opções: o número de pontos que conseguiria na cidade era muito

pequeno, ali só conseguiria trabalhar meio período e não havia outros empregos de meio período para complementar sua renda. O que poderia fazer era “trabalhar numa usina, em parte de laboratório”, mas era por turno, e ele não queria perder “o rumo de sono”. Também não queria ser “vagalume” ou “guardinha de cinema”.

Sem saber o que fazer, ele foi tirar sua carteira de trabalho.

Perceberemos em seu relato a importância dos contatos pessoais entre os estudantes nas indicações de trabalho, nas apresentações, nos apadrinhamentos, nos jogos políticos das nomeações. Há entre os estudantes do Sud Mennucci uma camaradagem e uma parceria muito interessantes. Primeiro, nessa vontade de se encontrar, que já destacamos, que continua até hoje; mas eles também indicavam uns aos outros, apresentavam os colegas a pessoas influentes, escreviam para familiares... Quando estavam em Piracicaba, nas férias, eles reuniam “a turma no banco do jardim”. Isto acontecia “desde o tempo de estudante”. Nos encontros entre as pessoas do Sud, Álvaro e Anna se conheceram e começaram a namorar. E em um desses encontros Álvaro ficou sabendo que um de seus colegas ia desistir das aulas que tinha assumido em Dolcinópolis, perto de Minas. Ele dizia que não tinha nascido para ser professor, que “ficava nervoso dando aula, não tinha paciência”, e ia abandonar o cargo. Assim se descobria uma não vocação... Quando Álvaro suspirou, dizendo que estava procurando um trabalho assim, o colega respondeu que lhe daria o seu lugar. Álvaro mal acreditava que ele estivesse falando sério, mas contou que sumiu “lá pra cima (...) bem na boquinha, bem na ponta de São Paulo”. O lugar tão desejado não tinha luz elétrica, tinha energia por motor até as dez horas da noite, e “depois apagava tudo, era à vela”. Ainda assim, era semiurbano, porque tinha ônibus e luz elétrica. “Quer dizer, ficava meio a meio nos pontos”.

Os professores recém-formados precisavam buscar trabalho, em condições nem sempre favoráveis. Ainda assim, Álvaro considerava que seu trabalho seria “tranquilo”: ele seria um substituto, mas contava com o aluno “inteiro”. Todos sabiam que em lugares distantes “não era fácil pegar professor”. Em termos financeiros, o que se recebia dava apenas para pagar a pensão e “não sobrava quase nada”. Ele precisava economizar muito para “sobrar um pouquinho para poder pagar a passagem para Piracicaba e passar as férias pelo menos, no fim ver um cinema, alguma coisa”. Eu não perguntei sobre os motivos que o faziam voltar sempre para Piracicaba, mas havia, além dos familiares, o encontro com Anna, como veremos mais tarde.

Álvaro estava prestes a assumir seu primeiro grupo de alunos, então. Vale observar

que essa troca de professores era mediada pelas autoridades locais. Neste caso específico, os dois professores foram juntos conversar com o prefeito da cidade, que concordou com a mudança, pelo menos a princípio. O que aconteceu, entretanto, foi que o prefeito, alguns dias depois, ao invés de nomeá-lo, nomeou uma outra moça, e Álvaro ficou lá, já com dívidas na pensão que escolhera para morar. Ele foi obrigado a pedir para a dona da pensão que esperasse, que um dia pagaria sua dívida (o que realmente fez mais tarde, assim que pôde)... Álvaro contou rindo o que aconteceu depois, que ele e seu amigo foram novamente à casa do prefeito e discutiram seriamente com ele, mas nada mudou⁵. E eles acabaram indo embora, em busca de uma outra oportunidade, uma outra autoridade, ainda relacionada a este amigo, o tio dele, também de Piracicaba, supervisor de ensino em Votuporanga.

Esse homem ficou indignado, pois encontrara trabalho para o sobrinho e este simplesmente abandonara o trabalho. Mas seu sobrinho não queria mesmo saber do Magistério, e naquele momento pediu trabalho para seu colega, o Álvaro, com muitos elogios a sua pessoa, conforme relatou Álvaro. Depois de garantir que ficaria mesmo lecionando, Álvaro foi indicado, através de carta, para trabalhar em Dolcinópolis⁶, onde ficou cerca de um ano e meio, até que encontrou uma escola rural, que lhe permitiria somar mais pontos para ingressar.

Desta vez, novamente por indicação de um prefeito, agora de de Santa Fé do Sul, no Bairro de Cangussu, Álvaro conseguiu uma turma em zona rural, onde não tinha “linha de ônibus, não tinha luz, tudo na base de (...) lamparina e do lampião”. Nesta época, ele decidiu também dar um curso noturno, curso noturno para adultos, à vela, “cada um com uma velinha na carteira”. Ele ri ao contar da dificuldade da leitura da lousa. O curso noturno “valia muito naquele tempo. Parece que era três pontos cada um”. Mas, além disso, ele queria “passar o tempo”. Não havia muito para se fazer ali, além de trabalhar. Para ele haviam construído dois pequenos espaços de madeira, quarto e sala, encostados ao bar local, grudados à casa daqueles que lhe davam a pensão. Todos trabalhavam na lavoura.

Apesar da simplicidade do lugar em que lecionava, Álvaro considerava tudo “um luxo”, “bem arrumadinho por sinal (...) perto das casas dos pobres” de lá. Havia muitos japoneses naquela região e eles cuidavam da escola. A escola “era bem arrumadinha, (...) bonitinha, bem cercadinha, eles mesmo fizeram os móveis, tudo, então tudo caprichado mesmo, armário de correr assim, com vidro, que era uma raridade em outras escolas”.

⁵ Para ler este relato na íntegra, veja o Anexo 01.

⁶ Álvaro lembrou, com orgulho, que a escola pública onde trabalhara foi recentemente premiada por ter as melhores notas do estado.

Ele contou com orgulho que logo os moradores começaram a perceber que tudo “estava funcionando bem” e começaram a trazer para sua escola outros filhos que moravam ou ficavam em outros lugares para estudar – o que revela a importância que os japoneses atribuem à educação: “japonês olha caderno de filho que tá lá na cidade e olha de filho que tá aqui e aqui tá mais adiantado! Por que que nós vamo gastar dinheiro pra por o filho lá? Prefere ficar aqui em casa e aprender mais”.

Essa competência percebida pela comunidade levou essa turma a atingir o número de cinquenta e três alunos.

O grupo combinava alunos de 1º, 2º e 3º anos, uma turma multiseriada. Porém, havia mais: o “primeiro ano era distribuído em A, B, e C”, de acordo com o estágio em que o aluno estava em seu processo de alfabetização, seu desempenho na cartilha. Aprendi com o Álvaro que não havia 4º ano na escola rural, ou seja, não se concedia diploma em escolas rurais naquela época. Por isso podemos entender o empenho de Sud Mennucci pela implantação das escolas rurais no interior do país, uma de suas bandeiras.

Para lidar com essa heterogeneidade na sala, tendo em vista que a aprovação dos alunos tinha relação com o seu desempenho como professor, e sabendo que cada aluno aprovado resultaria em pontos que o ajudariam a ingressar, Álvaro trabalhava com as “cinco turmas” dando atividades distintas a cada grupo, deixando alguns grupos fora da sala, trabalhando no recreio com grupos distintos enquanto outros brincavam lá fora. Não havia problemas de disciplina. Álvaro contou que “eles eram bem tranquilos”. Enquanto uns brincavam de bola, de jogo de malha, de cirandinha, outros estudavam. E ele ficou nessa escola até conseguir os pontos necessários para seguir sua carreira como professor efetivo. “Uma moça que precisava de ponto veio”, passou uma semana com ele para dar continuidade ao trabalho, e ele foi para o lugar dela, em Santa Clara do Oeste.

Não havia concurso escrito. *Ingressar* significava “ir apresentando os documentos” e era feita a contagem de pontos. Prestar o concurso era se inscrever para, em uma data previamente anunciada, fazer a *escolha*, escolher a sua escola, de acordo com as vagas também publicadas em Diário Oficial. Todos os professores ou seus procuradores, reunidos, esperavam sua vez de escolher. Era, e não mudou muito, eu poderia afirmar nos dias de hoje, uma “loucura, uma loucura total”, tanto para *remoção* (mudança de escola), quanto para *ingresso*. Professores do estado de São Paulo inteiro se reuniam. Havia professores que eram chamados para escolher e eles chegavam com a família, com filhos, “tinha que estudar, não sabia onde era a escola”. Pediam ajuda, queriam mais informações sobre os lugares,

chamavam alguém que pudesse ajudar... E os outros esperavam.

Álvaro divide conosco os seus truques na hora de escolher: fazer uma roda em torno da cidade onde gostaria de trabalhar e ir listando as escolas com vagas ao seu redor. Depois, de posse de informações a respeito das escolas, classificar cada uma delas, fazendo sua lista pessoal. Quando chamado, bastava ir seguindo a lista de suas preferências.

Ser solteiro ainda facilitou sua escolha. E ele fez a escolha, que adjetivou de “espetacular”, explicando por que pensava assim, a princípio: era “perto de uma usina, tinha luz até as dez (...), tinha condução para a cidade”... Era perto de Fernandópolis, uma “boa cidade” para viver. Entre Ourinhos e Santa Cruz do Rio Pardo ficava a usina. Entretanto, sua crítica foi contundente em relação às pessoas que viu no universo das usinas: encontrou “um bando de assassino”, “os usineiros eram” do tipo “explorador”, “mas no último grau”, “faziam umas barbaridades”. O resultado foi que acabou “brigando com eles”. Por causa de uma discussão que começou por motivos banais (Álvaro foi acusado de gastar água demais em uma “baciinha” para fazer a barba), o usineiro o expulsou da escola. Era óbvio que ele não tinha poderes para destituir um professor de seu cargo, mas a decisão de Álvaro foi de deixar mesmo aquele lugar, denunciando a situação da escola e do professor dentro daquela usina junto à sua Delegacia de Ensino, nome das Diretorias de Ensino, na época. Ali foi informado de que muitos haviam vivido situações similares de intimidação e de desagradáveis descobertas, mas que Álvaro havia sido “o primeiro que teve peito de enfrentar isso”. A escola foi fechada e Álvaro ficou temporariamente um “adido na Delegacia”, até assumir outra escola⁷.

Neste relato vai surgir a figura que ambos Álvaro e Anna destacam como peça importante na estrutura de ensino: o inspetor de ensino (hoje supervisor). Foi ele quem o orientou na busca de uma nova escola, que o lembrou de seus direitos adquiridos por *ingresso*, disse quais eram as melhores escolas da região – conhecendo cada uma delas: naquele momento era preciso ter “cuidado”, era preciso assumir uma escola em “condições semelhantes” às que tinha antes, e havia uma escola boa, um lugar “muito bom (...), no Bairro do Alecrim”. E foi a partir dessa orientação que ele assumiu essa nova escola.

A escola ficava afastada da cidade de Santa Cruz do Rio Pardo e era boa, na opinião de Álvaro. Ele trabalhava de manhã e o ônibus só passava por ali às três horas da tarde. Foi um período de caronas em cima “de algodão, em cima de amendoim”, já que “em tempo de safra tinha bastante caminhão”. E foi um período de muitas risadas também, porque “na

⁷ Para ler este relato na íntegra, veja o Anexo 02.

pensão era divertido, era aquele bando de professor e gente que trabalhava em banco, na delegacia... na aviação”. Álvaro conta que “dava risada o dia inteiro” e que “esse é o pedacinho bom lá de Santa Cruz do Rio Pardo”.

Ali encontrou pessoas com experiência de ensino que o ajudaram com relação à parte burocrática, de preenchimento de papéis, mas também recebeu orientações de colegas sobre como ensinar determinado conteúdo e quanto tempo levava para ensinar alguém a ler, por exemplo. Foi uma época de muita troca entre colegas na mesma situação de ensino.

Nesse período, os professores usavam “paletó e gravata” para dar aulas. Uma vez, depois de ser surpreendido por uma chuva forte na estrada, a única carona que conseguiu foi de trator, que acabou espirrando muito barro em sua roupa. Álvaro conta que, na pensão, eles tiraram os pelotes de barro com “facas sem corte”, pois não tinha tempo de mandar o terno para um tintureiro.

Nessa pensão Álvaro viveu até conseguir transferência para Osvaldo Cruz, já como diretor. Prestar concurso para direção também tinha a ver com pontuação e experiência em escola, não era exigência ter feito pedagogia. Ele já estava apto a assumir esta função na carreira. E assumiu.

Mas aqui sua história se une à de Anna, que ainda não conhecemos.

Sigamos com Anna.

De Anna

Anna concedeu uma longa entrevista, enquanto fazia crochê. Suas mãos sempre ocupadas apenas paravam de tecer e seguravam linha e agulha para reforçar um ponto de vista ou para que ela pudesse se concentrar em uma ideia. Sua primeira afirmação foi categórica: “Eu sempre quis estudar”, seguida da contagem dos pontos “dois quatro”, e já no começo nos colocou diante de duas questões importantes relacionadas a educação: a primeira, econômica; a segunda, das relações e influências familiares. Anna contou que “era pobre, não tinha condição, nem de estudar...”. Seus pais vendiam verdura no mercado municipal de Piracicaba e tiveram cinco filhos. Mas além disso, havia uma questão outra: ninguém em sua família tinha estudado, ela era a mais velha. Nem seus pais tiveram escola. Seu pai só sabia “assinar o nome” e sua mãe “nem isso, (...) nem assinar o nome”⁸. Ninguém naquele grupo tinha feito isso: estudar. Sua família funcionava como “uma tribo indígena”, todos em volta de sua avó, que não queria que ela estudasse.

Assim, o começo de sua vida escolar foi um período de muitas lágrimas em casa, entre pedidos para que a deixassem seguir em frente nos estudos. Na escola, seus professores reconheciam seu potencial: “Anna, você precisa seguir em frente, cê não pode parar aqui”; em casa: “Tire isso da cabeça, menina!”. E ela chorava...

Se na história de Álvaro vimos a importância dos contatos pessoais, na história de Anna temos, além disso, a força de uma determinação aliada ao encontro com as pessoas certas. Uma professora do 4º ano foi de extrema importância para essa menina que queria estudar. “Ela ia toda semana no mercado” conversar com os pais de Anna, para que eles a deixassem continuar. Quando o prazo de inscrição para o exame de admissão ao curso ginásial estava terminando, no último dia, a própria “professora de 4º ano” fez a sua inscrição, sem a autorização dos pais. E quando faltavam quinze dias para a prova, o seu pai finalmente concordou: “Se ela quer tanto, deixa que estude”, rompendo com a orientação da mãe dele.

“E lá fui eu”. Quinze dias para se organizar para o exame, sem condições de pagar para fazer qualquer preparação. E a mesma professora, que preparava estudantes para a prova com aulas particulares, convidou Anna para estudar com ela e seus alunos: “a professora tinha

⁸ “Foi uma das tarefa minha que eu... não realizada” – assim Anna expressou o seu desejo de ter alfabetizado os pais.

dez doze aluno na|garage da casa dela (...). Daí eu fui encarregada de trazer os problemas de matemática, (...) cada aluno foi encarregado de uma tarefa pra ver se a gente passava. Eu vim com os problemas de matemática”. Curiosa e efetiva essa forma de revisar o conteúdo estudado na escola, com os alunos trazendo atividades e dúvidas de disciplinas distintas, cada um responsável por uma parte do programa.

“Tranquilo” foi o resultado: o seu “número de aprovação foi 160, na admissão...”. Anna lembra que eram até oito primeiras séries ginasiais nas escolas públicas, não havia limite no número de vagas oferecidas, quem “entrasse fazia”.

Anna lembra com carinho a relação com o seu pai nessa época:

“Meu pai fazia assim, (...) conversava muito com a gente, até enquanto eu lecionei eu sempre contei a experiência minha com o meu pai, porque a gente ia na escola, de noite meu pai chegava da roça, meu pai era sitiante, tomava aquele banho dele rapidinho, comia, sentava na mesa, punha nós perto dele⁹... “o que cêis fizeram hoje?”. Acho que isso foi a garantia de sucesso nossa.”

De resistência ao estudo, o casal passou ao orgulho de ter a filha estudando. O “sonho” do seu pai era ver sua filha professora. E todo final de ano era a mesma coisa na época de pedir autorização, “passou, podia fazer matrícula”.

Entretanto, o pai de Anna não realizou o sonho de ver a filha formada. Quando ela estava no pré-normal, ele veio a falecer, e a menina que queria tanto estudar pensou, pela primeira vez, em abandonar os estudos. Ela sabia da dificuldade que sua mãe enfrentaria para sustentar os cinco filhos sozinha. E neste momento foi essa mulher, analfabeta, quem ficou do lado da formação de Anna: “De jeito nenhum!”, não pararia de estudar. Queria estudar antes e então iria “até o fim!”. E assim foi, inclusive com direito a festa e anel de formatura, como veremos depois.

Formada no Curso Normal, em 1955, Anna precisava trabalhar, não apenas para conseguir os pontos para ingressar na carreira, mas também para se sustentar. Como Álvaro, “ia pra todo lado pra procurar escola, (...) lá pro sertão de um lado, lá pro sertão do outro”. Ela já era namorada de Álvaro, mas eles não podiam ficar juntos ainda. Como era uma jovem de dezoito anos, solteira, não poderia ficar “sozinha longe”. Por isso, nas viagens pelo interior do estado em busca de trabalho, Anna sempre levou uma amiga também professora, para que ambas trabalhassem perto uma da outra.

A primeira experiência relatada foi em “Panorama, acho que era, lá pro lado de Santa Fé do Sul, praqueles bando lá, Sorocabana”, de posse de uma carta do “administrador do

⁹ Sua voz vai mostrando emoção.

mercado” onde a mãe de Anna trabalhava. Ali havia realmente uma oportunidade, mas Anna a recusou porque não havia nada para a amiga. E voltaram para a casa sem trabalho.

A segunda experiência foi parecida com a de Álvaro, “uma amiga, uma outra professora veio e falou: “Anna, eu vou casar, eu abandonei a minha escola”, (...) “é, tá lá sem ninguém, porque num deu tempo de ninguém fazer nada, delegacia, nem de levantar a escola”. Levantar a escola significava a comunicação oficial da vaga na delegacia (hoje diretoria) de ensino.

Novamente Anna arrumou as malas com a sua colega e partiu, agora para Botucatu. Lá foi informada de que a vaga pertencia a “Dolores Alonso” – surpreende-se de ainda se lembrar do nome da professora. Anna se pôs a informar o delegado: “ela abandonou a escola, não quer mais, pediu demissão e eu vim pra ficar com a escola”. O delegado olhou para ela, que “tinha dezoito ano, era magriiiiiiiinha”, e afirmou: “não é assim que funciona!”¹⁰. Mas parecia tudo tão certo... Afinal, se não tinha ninguém, se a escola estava sem professor, Anna poderia “ficar com ela, não?”.

Ainda que não fosse daquela maneira que funcionasse, o delegado de ensino “pegou o telefone, ligou num número e começou a falar com algumas pessoas”. Anna brinca que não se “pode nem contar isso pra frente”, porque o que ele passou a fazer foi ligar para todas as professoras que estavam na lista daquela delegacia de ensino, interessadas em aulas, e, exigindo delas uma resposta imediata, conseguiu que todas recusassem a vaga, eliminando aquelas que estavam na frente de Anna. Arrumou aulas também para a sua colega trabalhar. E, além disso, sabendo que as duas moças precisavam de um lugar para ficar até o dia seguinte, quando poderiam seguir de ônibus até as escolas onde iriam começar a trabalhar, chamou uma servente da delegacia e conseguiu, na casa dela, pouso para as duas naquela noite.

Quando se encontrou com o inspetor da escola escolhida, ele se surpreendeu com a sua idade, dizendo que Anna era “muito nova pra tá no meio do mato”. Diante de sua segurança em afirmar que “queria lecionar, que era formada e que precisava lecionar”, ele avisou: “Então, olhe Anna... Olhe, Sra Anna Francisca, eu tenho três filhas, você é a minha quarta filha...”¹¹ Se sair da linha um minuto, cê volta pra tua casa. E lá é teu lugar”.

De posse das aulas, onde morar? Ficaram em um hotel no primeiro dia, enquanto procuravam, mas não poderia ser por muito tempo. Havia a casa de uma senhora, a Dona

¹⁰ Para ler este relato na íntegra, veja o Anexo 03.

¹¹ Novamente Anna se emociona...

Celestina, mas ela se recusou a receber Anna, porque já “tinha sofrido muito com outras professoras”. Foi no hotel que um homem se aproximou das duas amigas e, curioso, perguntou o que elas faziam ali. Quando soube que a Dona Celestina tinha recusado acomodar Anna, ele disse: “você vai voltar pra lá e falar que eu mandei (...), poucas vezes na vida¹²... eu vejo pessoas com uma aura tão grande! Vai pra lá (...) que ela vai te dar alojamento”. E ela foi e a Dona Celestina reconsiderou mesmo. Aliás, ela tirou a própria filha do quarto que ofereceu a Anna. Mais tarde, quando soube que a garota estava acomodada em um quartinho, Anna pediu que arrumassem uma cama para que ela dividisse o quarto com ela, a Rosa.

Nessa situação Anna ficou durante dois anos, até decidir voltar para Piracicaba e fazer um curso de aperfeiçoamento, que garantia “100 pontos na classificação para ingresso”.

Sua segunda escola foi por indicação de um amigo de Álvaro que trabalhava na região de Pirapozinho, em Itororó do Paranapanema... Ali ela ficou até bem perto do casamento. Enquanto isso namoravam, “por carta”.

Quando voltou para Piracicaba, para se preparar para o casamento, ela ainda não tinha ingressado. Depois de casada com Álvaro, pela lei de comunhão de cônjuges, conseguiu escolher Osvaldo Cruz, onde ele já estava. Anna se referiu à alegria de sua mãe neste período, dizendo que foi a única noiva cuja mãe “em vez de chorar dava risada”, porque dali em diante haveria alguém que olhasse por ela. Tanto tempo ela havia ficado no mundo sozinha e agora teria a proteção de alguém... Sua mãe “ria mesmo, ela tava contente”.

E ela continuaria lecionando.

Anna lembrou que, como professora, teve “bastante alegria”:

“Nessa escola do sítio por exemplo era uma beleza. Eu tinha 1º, 2º e 3º ano! Dava os três juntos numa sala. Era uma escola rural. Então ali tive experiências muito boas com os alunos, eu tava começando, não tinha ninguém pra pedir orientação, então era... era uma loucura, né? Descobrir as coisas sozinha, eu tinha que me basear naquilo que eu tinha estudado mesmo”.

Valorizando sua formação em Piracicaba, no Sud Mennucci, que “foi excelente”, Anna contou que ali teve “uma preparação bacana mesmo” e que levou suas coisas de escola, seus livros, para o trabalho.

Outras orientações, inclusive quanto à legislação docente, teve daquele inspetor de aluno que, para ela, “sempre foi um pai”. Até quando precisava visitar a família, era ele quem a orientava. Era um dia para ir, outro para voltar... Como ficar pelo menos um dia com sua família? “O primeiro que você abraçar, você traz um atestado que estava doente”, dizia o

¹² Outras lágrimas embargam a sua voz.

inspetor para a jovem professora, orientando-a para que abonasse a sua falta.

Lembramos que era um período sem telefone, de longas distâncias. Tudo se dava por cartas: “Escrevia carta, recebia carta... O namoro (...) também...foi sempre por carta”.

Anna e Álvaro só se encontravam “em julho e em dez.. em janeiro”, porque naquele tempo “não tinha essa de um visitar o outro”. Anna conta que apenas uma vez Álvaro foi até Itororó do Paranapanema, onde ela trabalhava, para avisar que seu avô tinha morrido. Apenas assim “deixaram” que ele fosse lá, “pra avisar”.

Mas já estamos conversando sobre a vida dos dois juntos e isto é um outro capítulo.

De Álvaro e Anna

Álvaro e Anna são filhos de imigrantes que vieram para o Brasil em busca de trabalho. Ele, descendente de portugueses; ela, de espanhóis. A família de Álvaro, apesar de humilde, teve um pai que trabalhava na estrada de ferro e dois irmãos homens que estudaram. Anna foi filha de pais analfabetos, o pai sitiante e a mãe vendedora no Mercado Municipal. Seus irmãos estudaram, mas apenas uma de suas irmãs também chegou ao nível superior. Observamos na luta de Anna por escola, a superação em um grupo social. Foi a primeira mulher da família a estudar, mas pensa em seus pais analfabetos e afirma que sua alfabetização é uma tarefa sua “não realizada”. Na verdade, os dois superaram os pais e os irmãos em termos de estudos.

Também os dois, pela perda dos pais enquanto ainda eram jovens, dedicaram-se a logo depois de formados criar condições de sustento pessoal, como já vimos, buscando aulas em lugares remotos, conquistando seu espaço de atuação profissional.

Depois de casados, os dois viveram por dois anos em Osvaldo Cruz, onde nasci. Neste lugar a minha vida se entrelaçou às deles. E foi por remoção que viemos morar em Americana. Era mais perto de Piracicaba, mas não tentaram mudar novamente para lá. “A turma queria”, disse Anna, mas eles preferiram não fazer nova mudança. Uma amiga de Anna se queixava muito de não ter tido “o aconchego de morar em uma cidade”, “ter os amigos, aquelas referências do lugar” onde se mora. Sua família se mudava muito. Álvaro e Anna queriam poder dizer “aqui eu plantei, aqui é o meu lugar”.

Anna e Álvaro vivem em Americana até hoje. Lá tiveram outras quatro filhas, as minhas irmãs: Ivânia, Dinalva, Dalvani e Daniela. Mas antes de contar esta história, detenhamo-nos ainda um pouco mais na vida profissional dos nossos dois protagonistas.

Álvaro já era diretor quando veio para Americana. Anna era professora primária. Primeiro Álvaro assumiu a direção em Salto Grande, enquanto Anna trabalhava em Carioba, os dois lugares são bairros afastados na cidade. Anna conseguiu transferência para uma escola no centro mais tarde, próxima a sua casa, onde eu e minhas irmãs estudamos até o final do Ensino Fundamental. Duas delas fizeram ali também o Curso Normal. Álvaro, por sua vez, de Salto Grande, pediu transferência para outro bairro, o Jardim Ipiranga, e lá se manteve diretor por muitos anos, quase até se aposentar. Entretanto, como supervisor substituto, trabalhou na Delegacia de Ensino, deixando vaga a diretoria da escola, para substituição. Nesta época,

Anna já trabalhava nessa mesma escola e acabou sendo assistente da direção durante vários anos. Quando Álvaro saiu para trabalhar como supervisor de ensino, a direção da escola foi assumida por Anna, que o substituiu.

Anna contou que gostava da parte pedagógica da direção, mas não da parte administrativa. Ela gostava de “dar as dicas” para seus professores de como agir em sala de aula. Outros diretores que recebiam professores que haviam passado por sua escola costumavam lhe dizer: “Não tem ninguém mais que você preparou para mim?”.

Em sua entrevista ela lamentou a atual formação dos professores, que não sabiam como lidar com os alunos depois de formados. Como exemplo, ela relatou um episódio com a professora de Ciências que estava reprovando quase que a turma toda em uma 5ª série. Anna chamou-a à sua sala, na diretoria da escola, e brincou com ela, chamando-a de “madrasta”, por judiar tanto das crianças com notas baixas. Diante do suspiro da professora, que se queixava da dificuldade de se ensinar átomos para crianças tão jovens, matéria do programa daquela série, Anna sugeriu que ela fizesse algo mais próximo às crianças. A professora ainda insistiu: “Mas, e a delegacia?”. “Da delegacia cuido eu!”, respondeu Anna, dando plenos poderes para a professora reorganizar o conteúdo de sua disciplina. O resultado foi “uma beleza”, com crianças aprendendo sobre saúde, alimentação, construindo hortas na escola e em suas próprias casas. Este tipo de orientação encantava Anna. Por isso, quando assumiu o cargo de supervisora de ensino, gostou muito do trabalho de orientação dos professores e diretores das escolas com que trabalhava. Para ela, “era o cargo mais gostoso”, tirando “lidar com criança”, que é o mais gratificante, em sua opinião. Como supervisora, podia “estar junto com diretores e professores como aquele que ajuda a caminhar”, desde que as pessoas não tivessem “vergonha de pedir ajuda”. Foi algo que ela entende que conseguiu construir nos grupos que supervisionou.

E a pedagogia? Eu tive que perguntar. Eles chegaram a fazer o curso, mas não por exigência legal, e sim porque era mais vantajoso financeiramente: o professor com curso superior em pedagogia recebia como um professor secundário e não como professor primário.

Um dia Álvaro entrou em casa correndo e foi fazer a barba. Estava se aprontando para alguma coisa. Anna foi perguntar o que era. “Vou tirar fotografia para fazer o curso de pedagogia”, ele respondeu. E ela disse: “também quero!”. “Então faça!”. Foi assim que os dois começaram o curso de pedagogia na Unimep, Universidade Metodista de Piracicaba. O curso, para eles que tinham feito o Normal, durava dois anos. Eles estudaram à noite neste período. Na foto de formatura, Anna aparece grávida de sua quarta filha, a Dalvani. Mais

tarde os dois também fizeram especialização em Administração Escolar.

Anna só fez o concurso para direção bem mais tarde, e mesmo assim para ajudar uma amiga que tinha acabado de perder o marido de maneira muito violenta. Incentivou-a a estudar oferecendo-se para estudar com ela, mas estava com filha pequena e ainda reformava a sua casa naquele período. Dessa forma, teve uma pontuação baixa, enquanto a amiga passou muito bem colocada. Anna só escolheu dois anos depois do concurso, por causa da sua classificação. Isto foi uma sorte, Anna se alegrou contando, pois a colega assumiu em São Paulo, e ela pôde escolher Americana mesmo.

Algo parecido aconteceu com Álvaro. Ele já era supervisor de ensino, mas era substituto. Para ser efetivo, precisava fazer o concurso. Se ficasse muito bem colocado, teria que escolher outra cidade ou desistir da nomeação. Sua pontuação foi ótima para que ele ficasse entre os primeiros da segunda chamada do concurso, e havia então algumas vagas em Americana nesta época. Aconteceu, entretanto, que ele fez o concurso bem perto de se aposentar. Assim, ele escolheu, saiu três meses para aproveitar uma licença-prêmio, e logo já entrou com o pedido de aposentadoria: "e acabou, aposentei...", afirmou brincando.

Mas nenhum dos dois simplesmente aposentou. Anna até hoje dá aulas para um grupo de catequese na igreja de seu bairro. E Álvaro acabou voltando para a escola e dando aulas durante quase quinze anos mais. Em uma escola bem próxima a sua casa, ele ficou sabendo que "os alunos estavam fazendo abaixo-assinado pra tirar (...) o professor de pedagogia, que era engenheiro, do curso normal". Nessa escola, o diretor, que também era ex-aluno do Sud Mennucci, chamou-o para ser o professor de didática, mas ele acabou assumindo as aulas de didática e de psicologia... Ele só parou quando o curso normal foi extinto. Ele preferiu não ir atrás de aulas na faculdade, ficar "mudando de lugar, ir atrás correndo por causa de aula...". Foi quando parou de trabalhar em educação.

Anna, além da catequese, há alguns anos criou em sua paróquia, com a parceria de amigas da igreja, um grupo para atender pessoas mais idosas, gente do bairro que vive só e tem poucas oportunidades de encontro com outras pessoas. O resultado é um sucesso. Hoje eles têm um grupo de aproximadamente sessenta pessoas que se encontram semanalmente, às terças-feiras à tarde, para conversar, ler um texto, fazer uma atividade, jogar bingo ou brincar, cantar.

O aprender a lidar com o outro – na condição de aluno ou aprendiz – os dois, Anna e Álvaro, atribuem a uma sólida formação acadêmica. Ambos destacaram várias vezes nas entrevistas o programa de estudos do Sud Mennucci, como veremos a seguir.

Do Programa de Estudos

Álvaro e Anna várias vezes se referiram à sua formação com elogios. Para eles, a formação boa, que realmente preparava para o exercício da profissão, tinha a ver com a preparação prática e com professores aptos a ensinar o que sabiam e o que era necessário para que aqueles jovens estudantes seguissem em suas profissões.

Segundo Álvaro, “o Normal era uma elite mesmo de professores, espetacular, todos eles”, era um grupo que “tinha conteúdo, (...) principalmente didática, psicologia, eram uma sumidade”. Ele afirmou que “aprendeu bastante mesmo”. O Curso Normal: “deu base pra gente em tudo, que a gente tem hoje. Até hoje. Mesmo quando eu fiz o curso normal, na pedagogia, a gente levava aquilo tranquilamente. Em psicologia, por exemplo, eu sabia mais no curso normal... do que na faculdade, mas muito mais. O professor era muuuito melhor.”

Quando questionado se o curso era bom porque eles sabiam mais, Álvaro foi pontual: “Sabiam e ensinavam a gente a aplicar as coisas (...) Entendeu? Não era só saber... Falava assim e mostrava pra gente, era isso isso isso”.

Anna também foi elogiosa ao descrever o Instituto de Educação Sud Mennucci: “a escola era bacana mesmo”, ocupava um “lugar central na vida” deles, “era a vida da gente”.

Os dois fizeram referências a vários professores.

“O professor de... de português era uma sumidade, (...) era espetacular. Benedito de Andrade. Sabia várias línguas... Ele foi prestar concurso (...), depois chegou lá não tinha mais concurso só tinha pra espanhol, (...) ele prestou concurso pra espanhol passou também. Era um negócio. E muito engraçado. E o... professor de psicologia sabia até russo! Então essas experiências do Pavlov, que estavam no auge naquela época, ele lia direto do russo. Então lia as últimas novidades, né? Sabia alemão, sabia inglês...”. “O outro era autodidata, de sociologia... Muito bom também. Matemática excelente”.

Eles consideram que tiveram sorte, porque o corpo docente do Sud Mennucci, no período em que estudaram lá, era muito competente: “coincidiu sabe? Aqueles professor de estar ali junto e a gente aprendeu muito na escola, saiu com uma bagagem”. Eles também se lembraram das aulas de filosofia, anatomia. Destacaram desenho pedagógico e trabalhos manuais. Havia educação física e canto orfeônico.

Mas principalmente eles destacaram a relação dessa parte teórica com as aulas práticas. A professora de didática “era um show”, disse Anna. E Álvaro explicou o motivo: ela...

“levava a gente na classe, dava aula pra você, depois explicava o que estava acontecendo e tal. E (...) ela inventou uma (...) uma cartilha, em que cada sílaba tinha um significado. Então, por exemplo, ‘tá’ era um toque de uma corneta, né? Cheguei, tocava, tá tá tá. Ah... o que mais que tinha? ‘Xá’ era o nome de um gato, x, e assim por diante. Então (...) tinha mais facilidade (...). Ela que inventou essa cartilha e cada aluno (...) dava uma aula da cartilha, desde o começo. Então chegava no fim, da classe, 40 alunos, estava alfabetizada a meninada”.

E eles não davam aula apenas uns para os outros nas aulas de didática. Eles iam para a escola – o curso primário anexo – e davam aula para as crianças mesmo “na classe”, enquanto os colegas do curso normal “ficavam na parede assim em volta, em pé”. Nas aulas de didática ou de estágio, havia também as aulas-modelo, em que se “preparava uma aula, sorteada”: “você ia, dava aula para os alunos. (...) E os alunos faziam o seu julgamento (...), faziam os comentários depois sobre o que ocê fazia. Era uma tremedeira só (...)”.

Os dois entendem que essa combinação de sólida base teórica e prática voltada “para o trabalho mesmo” fez toda a diferença na sua formação profissional. Mas, além disso, havia a parceria que se construía entre os alunos e os professores. Para preparar as aulas, ou estudar algum conteúdo que tivesse se apresentado mais difícil, os professores estavam sempre disponíveis. Os alunos chegavam até a frequentar a casa desses mestres, que ofereciam livros de apoio e orientações pedagógicas. Os alunos “viviam na biblioteca” da escola – não tinham como comprar os livros para estudar em casa.

Os professores acompanhavam os alunos do curso normal em suas lutas e conquistas. Anna contou que teve interesse por latim e o professor de português caminhava para a escola com ela e uma amiga. “Eu queria estudar latim, então ele fez a gente estudar francês para enfrentar a USP”. No caminho para a escola, ele fazia perguntas em francês para as meninas e dizia que elas precisavam estudar mais. Anna lembrou novamente com carinho a insistência de suas professoras para que ela estudasse.

Havia também outras atividades extras na escola, por exemplo, o clube de ciências, cujos membros cuidavam do material da escola:

“A gente, cada um, ele [professor] mandou que escolhesse uma sala para limpar – o clube de ciências tinha animais empalhados, coleções de pedras, de ovos, de tudo o que você possa imaginar (...). Eu tinha uma sala (...) tudo com armários com aves (...), era a minha obrigação cuidar daquilo. Então a gente ia lá pra limpar, tirar pó... Isso a gente fazia (...) com o maior amor do mundo”.

Outra parte interessante da vida escolar era social, as tardes dançantes: “tinha um salão, a gente fazia bailotas”. Anna contou que era da equipe de boas vindas e que recebiam alunos de outras escolas que vinham visitar o Sud Mennucci. “Até almoço a gente

preparava!”. Depois iam visitar essas escolas também.

Do programa de estudos do Instituto de Educação “Sud Mennucci”, Álvaro e Anna destacaram a sólida formação acadêmica e as práticas, mas os laços construídos nos encontros, na convivência com professores e colegas também foram extremamente importantes. Foram os encontros com as pessoas que permitiram as futuras escolhas e as parcerias, sempre marcadas pelo respeito à escola e à educação.

Dos Objetos de Memória

Entre laços entrelaço objetos, objetos de memória, objetos que atualizam momentos, sensações, ideias, gente. Os objetos de memória são aquelas coisas que guardamos como pequenos tesouros, são a parte visível do invisível dos nossos sentimentos, de nossas emoções, de nossas vidas, de nossas escolhas.

Nas entrevistas, quando perguntava de um objeto, havia quase um estranhamento com a pergunta. Como assim? Eu queria um objeto, para quê? Não bastava a fala, o que eles decidiam me contar?

Bastaria a entrevista se o trabalho fosse outro, se não se buscasse o encontro com o tangível, com a concretude daquilo que fazemos.

Somos seres de memória, lembra-nos Beatriz Sarlo. Os objetos nos singularizam e singularizam também a memória que guardamos.

Os objetos selecionados neste estudo estão intimamente ligados às histórias contadas e aos aspectos distintos que se entrelaçam aqui: a escolha profissional dos nossos dois sujeitos e o momento acadêmico desta que registra essa narrativa.

São quatro os objetos: um objeto de trabalho dos dois; um objeto pessoal de Anna; um objeto profissional de Álvaro; um entrelaçamento de fotos que nos une, os três, pais e filha, pesquisadora e sujeitos da pesquisa.

Deixemos que cada um deles ganhe voz e apareça nesta construção.

a. Um caderninho

Entre os objetos que ficaram, o *caderninho* é o que mais esteve comigo. Está comigo desde que meus pais, Álvaro e Anna, me viram assumindo o papel de coordenadora de uma escola particular em Campinas. Foi Álvaro quem o entregou a mim, por causa do conteúdo de uma de suas partes, em que há uma organização, uma lista, daquilo que se ensina em cada ano do Ensino Fundamental, do 1º ao 4º ano, por matéria, por mês, em cada turma. Eu estava orientando a preparação do material didático da escola que coordenava, e ele julgou que o material que guardaram durante tanto tempo me seria útil. E foi.

Mas antes de mergulharmos em qualquer uma de suas partes, vou conversar um pouco sobre ele. Trata-se de um caderninho brochura, de 70 páginas. Pertenceu a Álvaro Marques, cujo nome aparece na capa, abaixo da palavra “Reproduções”, termo que discutiremos mais adiante. Entretanto, reconheço a letra de Anna em parte de seus escritos também, ou seja, os dois usaram o material, o caderninho pertenceu aos dois. Eles não souberam dizer se o caderno tinha sido inicialmente de um ou de outro. O que este objeto mostra é a parceria profissional dos dois, ainda enquanto namoravam. O caderno era de Álvaro, com a intenção de ter reproduções de cada ano escolar e, por ter começado a cópia dos textos pelo 2º ano, teria pulado uma parte inicial que Anna acabou utilizando? Eles não sabem dizer.

A capa e as páginas internas estão carcomidas e amareladas pelo tempo. Há algumas contas na capa (operações de matemática) e a palavra “exploda” escrita claramente, o que sugere uso em sala, como se alguém tivesse pedido ajuda e aquele fosse o único papel por perto para orientar essa pessoa a escrever ou a resolver uma questão. Há também a figura carimbada de um sapo, cuja pata se transforma na letra S (o A, que forma a sílaba SA, vem em seguida). Esses carimbos eram bastante usados na escola quando eu estudei. A contracapa traz a letra do Hino Nacional, como muitos caderninhos brochura traziam.

Podemos dividir seu conteúdo em quatro partes distintas: 1. plano de aula; 2. reproduções; 3. divisão do programa de estudos; 4. prática (outras coisas). É uma delícia!

Essa parte 1, Plano de Aula, traz a primeira experiência de trabalho de Anna, sendo acompanhada pelo inspetor de ensino do Grupo Escolar Itororó do Paranapanema. A quarta página mostra o visto do Inspetor de Ensino Rural, acompanhando suas aulas. O papel do inspetor foi explicado por Álvaro, em sua entrevista, ainda que naquele momento não se referisse ao conteúdo do *caderninho*. O inspetor tinha a função de verificar se e como o

professor estava trabalhando. A cobrança era grande. Na escola escolhida, o professor precisava fazer um diário – obrigatório – em que registrava tudo o que pretendia fazer com os alunos. Além disso, havia o registro de conteúdo no livro de chamada. Quando o inspetor fazia uma visita a uma escola, ele conferia o material, fazia um termo de visita, “batia o carimbo, e lá ia embora”. O professor nunca sabia quando um inspetor ia chegar, mas precisava ficar preparado. Este registro de visita, no caderno do professor, é o que vemos na figura 04. Na aula visitada pelo inspetor, Anna registrava seu plano de trabalho.

Conhecimentos gerais.
Falarei dos índios e mostra
rei uma porção de cartazes
a respeito.
Desenho:
arco e flecha.
Visto
Inspe. Ens. Ru e

Figura 04: Visto do Inspetor de Ensino Rural e a Letra de Anna

Interessante é observar como Anna lidava com os três grupos de sua turma multisseriada (1º, 2º e 3º anos), partindo do mesmo tipo de atividade, dividindo o plano e assinalando-o com as letras A, B, C, de acordo com a turma a que se destinava a atividade. Observa-se que há momentos em que A e B se aproximavam, e outros em que as atividades de C diferiam totalmente. Em um período de março a abril de 1956, Anna trabalhou todas as aulas com leitura, linguagem oral e escrita, e aritmética. Além disso, havia uma parte do plano que variava: caligrafia, ditado, conhecimentos gerais, desenho, trabalhos manuais (dobradura, inclusive com desenho de como construir uma caixinha), e canto. O plano incluiu estudos sobre os índios e sobre o Descobrimento do Brasil. Há menção a lições estudadas que

remetem a livros usados, mas não há referências a nenhuma bibliografia.

Em Reproduções, parte 2, temos uma coletânea de vinte e duas pequenas histórias. A Figura 05 traz uma delas, para que se tenha ideia do seu conteúdo:

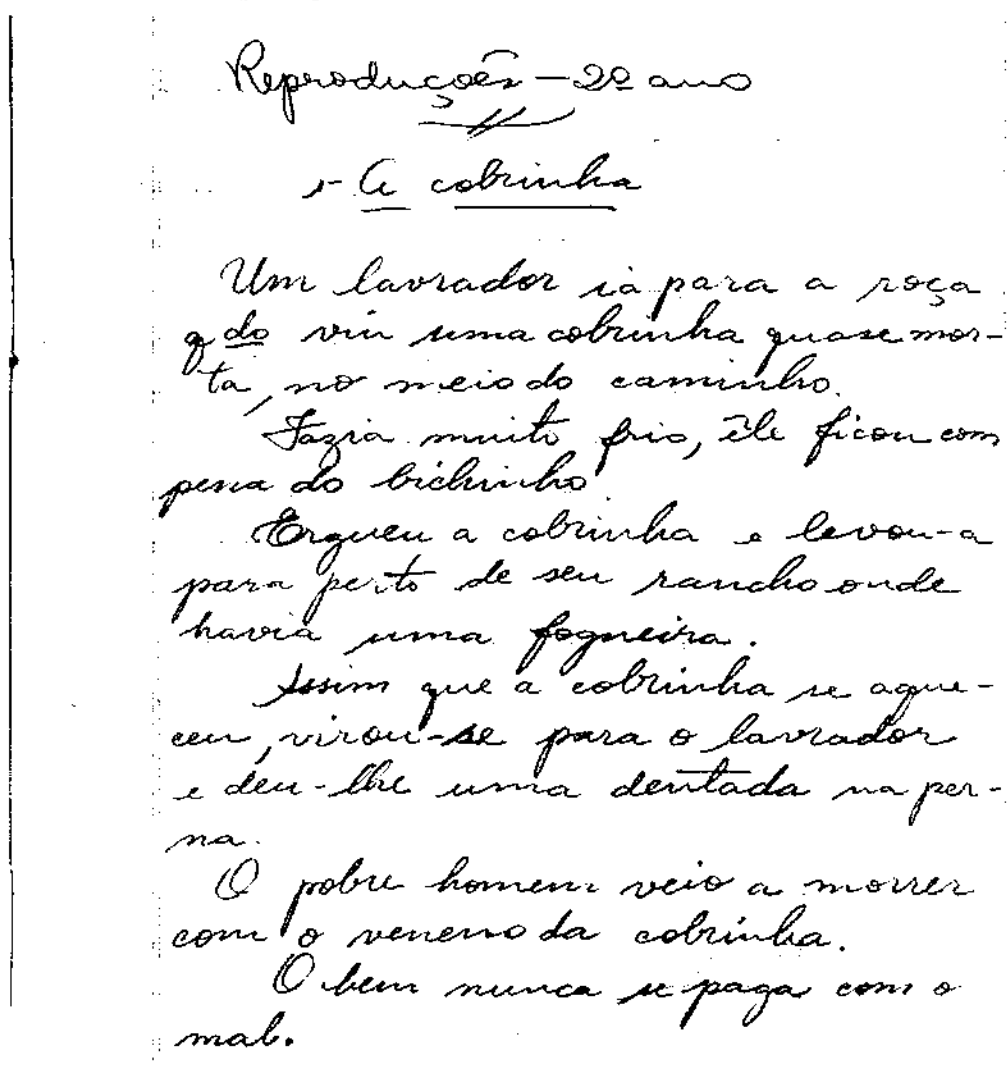


Figura 05: Exemplo de Reprodução e a Letra de Álvaro

As reproduções são pequenas histórias como essa que eram utilizadas pelos professores como material de apoio para o trabalho de redação. O professor lia a história em voz alta para a classe e os alunos tinham que, baseados naquilo que ouviram, escrevê-las novamente. Era um exercício de recontar histórias em trabalho com a língua escrita.

As vinte e duas histórias copiadas no *caderninho* oferecem uma lição ou um exemplo de comportamento às crianças. Os temas abordados são: retribuição do bem que se recebe, cuidado com as montarias, boas ações, cuidado com as roupas e com o corpo, asseio, obediência x desobediência, valentia x medo, trabalho bem feito, dar desculpas, pedir desculpas, cuidado com os animais, mentiras. As personagens principais são normalmente

meninos e meninas em idade escolar, seus pais e professores, famílias em situação de conflito, mas algumas delas trazem animais como personagens principais, executando alguma ação humana. A única história que escapa a esse modelo é a de número 18, *O Chupim*, que conta por que ele põe ovos em qualquer ninho – uma tentativa de explicar um pouco do mundo ao redor daqueles estudantes.

Na parte 3 do *caderninho* temos a Divisão do Programa de Estudos. Trata-se de uma organização e de uma separação do conteúdo a ser trabalhado em cada série (de 1º a 4º anos) por disciplina (Linguagem Escrita, Aritmética, Conhecimentos Gerais – no 1º ano; no 2º ano introduz-se Gramática, Ciências, e os Conhecimentos Gerais são divididos entre História e Geografia – algo que se repete até o 4º ano). Um exemplo pode ser observado na Figura 06.

<u>Divisão do programa.</u>	
<u>1º ano</u>	
<u>Linguagem escrita</u>	
margo	- copiar palavras associadas a desenhos.
abril	- copiar sentenças.
maio	- ordenar palavras formando sentenças.
junho	- completar sentenças onde falta a palavra - nome e ações.
agosto	- formar sentenças isoladas ou correlacionadas.
setembro	- ampliar sentenças - exercício de vocabulário.
<u>Aritmética</u>	
margo	- noções de unidade e coleção; noções intuitivas dos números de 1 a 9. Representação gráfica. Noção de zero. Ensino dos números concretos.
abril	- soma e subtração oral e escrita até 9. Sinais de + e -.
	- Nome da operação. Soma ou

Figura 06: O Conteúdo Mensal por Série

É interessante observar que há introdução de novos conteúdos até o mês de setembro ou outubro, e depois vemos a menção em algumas páginas à *recapitulação*. No período final do ano, aparentemente os professores faziam a revisão do conteúdo estudado para preparar os alunos para a prova de final de ano, que os aprovaria ou não, e que, a cada aprovação, acarretaria atribuição de pontos ao professor.

Foi Álvaro quem nos explicou a respeito do funcionamento desse conteúdo e dessa prova, quando, na sua entrevista, contou por que motivo os alunos do curso normal se sentiam preparados para lecionar. Já destacamos essa questão em *Do Programa de Estudos*, lembrando que as aulas de embasamento teórico estavam em conexão com questões práticas e os alunos davam aulas nesse período, não só para os colegas e para os professores, mas também para os alunos dos cursos primários anexos aos Institutos de Educação. Experimentar lecionar, ver os colegas dando aulas e refletir sobre essas aulas depois em suas aulas, orientados por professores, já disparavam certa competência técnica nos jovens professores. Além disso, quando saíam para trabalhar fora, levavam consigo o material que haviam estudado no Curso Normal. Mais ainda, havia naquela época algo que chamavam de Programa Oficial de Estudos, com a previsão do conteúdo a ser ensinado por série: “havia um mínimo pra dar, (...) senão eles ficavam de exame”. É uma lista desse mínimo que vemos no *caderninho* de Álvaro e Anna.

Com relação ao conteúdo novo só surgir até setembro ou outubro, a explicação teremos de Álvaro a seguir. Quando chegava o meio do ano letivo, cada diretor recebia “a programação com detalhes” da prova anual, com “modelos de problemas”, por exemplo. Assim, os meses finais do ano letivo não estão registrados porque eram mesmo dedicados à revisão e preparação para essa verificação anual de aprendizagem. Álvaro considera esse sistema mais exigente, porque os professores não sabiam o que ia cair na prova e tinham que garantir o ensino do conteúdo para todos os alunos. No dia da prova, havia um professor designado de outra unidade escolar para administrar a prova, e ele trazia o envelope lacrado. “Às vezes permitiam que o professor de uma escola isolada” fizesse um ditado, por exemplo, para os alunos não ficarem “inibidos com a pronúncia” de outro professor, “agora, o resto, nada mais”. Esta era a participação máxima do professor da classe. Todos os alunos faziam a avaliação no mesmo dia. E no mesmo dia esse professor de fora “corrigia tudo, (...) lavrava em ata, assinava e mandava pra cima” (ou seja, enviava à Delegacia de Ensino os resultados). Assim, o professor já sabia quantos alunos tinham sido aprovados, quantos pontos receberia

por aquele ano de trabalho e a que distância ele estava de seu ingresso na carreira do magistério ou de sua remoção.

A parte 4 traz aquilo que não coube nas partes anteriores. Uma página, por exemplo, contém quatro divisões por números decimais; outra, duas operações (divisão por 11 e por 12); uma lista de nomes, sem qualquer referência, e na última página, a mais divertida: uma segunda lista de nomes em que uma aluna ficou responsável por “marcar o nome de quem está conversando” (lê-se no alto da página). Há nove nomes na lista, e o campeão foi José Antonio, com dezesseis cruzinhas, que revelam a sua animação quando a professora estava fora de sala. Eu me lembro de passar por isso quando estava no Ensino Fundamental, e já fui responsável por fazer isso como aluna comportada e responsável que era, controlando os outros.

O *caderninho* é uma joia recheada de camadas de tempo e de história. Entrelaça-se com a história de vida e de formação de Álvaro e Anna. Funciona como um elo perdido com as tantas práticas de ensino e de aprendizagem que os dois buscaram desenvolver, e ensinar. Eles guardaram esse material, sabendo o seu valor como referência para aquilo que aprenderam ser importante no ensino de crianças de 1º a 4º anos.

Olhar para ele é voltar no tempo e imaginar as pessoas, os espaços escolares, as experiências de vida que esses profissionais passaram. Acima de tudo, ele revela uma parceria no trabalho, que se evidencia na caligrafia ora de um ora de outro, e que se evidencia também no pensamento sobre como deve funcionar o processo educativo. Eles não apenas usaram isso tudo quando foram professores. Também tiveram o cuidado de guardar essas informações e compartilhá-las comigo, há algum tempo atrás. Aprendi muito e continuo aprendendo com eles. Por isso compartilho esse conhecimento também com quem se dispuser a ler este texto.

b. Um anel

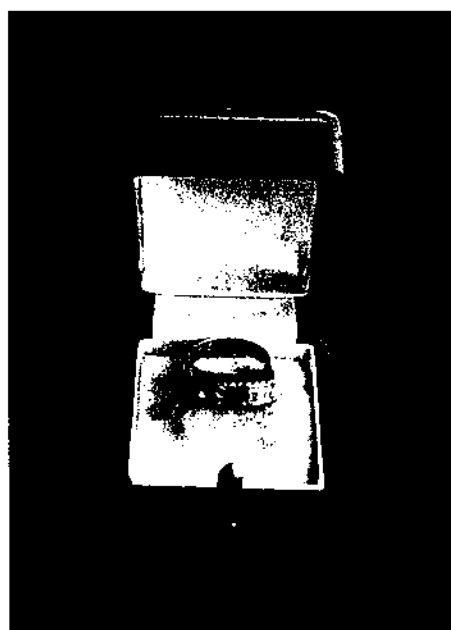


Figura 07: O Anel de Anna

Olhei para esse anel pela primeira vez e ele não me disse nada, nada mais que isso: sou um anel. Como se fosse um poema de Alberto Caeiro. Mas sabemos que um objeto de memória é guardado e atualiza um tempo, uma época, um sentimento, um ser, um estar. Pessoas e laços se reconstroem diante de sua aparição, mas é preciso ouvir, conhecer, para sentir.

Olhando para o anel hoje, depois da entrevista com Anna, o objeto adquire uma força outra, que me remete a outras pessoas e outros lugares, outras vozes e outros vínculos. A minha avó, mãe de Anna, que vendia cheiro-verde no Mercado Municipal. O meu avô, que eu nunca conheci, mas de quem ouvi tanto falar. A minha mãe, essa Anna que vive em mim e esteve presente em todas as épocas de minha vida até agora.

Admiro essa mulher que desde sempre quis estudar, que pediu e chorou pra que a deixassem continuar a perseguir o sonho de ser professora. Tantas foram as batalhas para chegar a se formar. Tantos foram os desafios para se manter na profissão. Na família de Anna, no começo, “ser professora era um biscate, (...) imagina, não tinha valor”, era a grande possibilidade de uma moça se “perder”. Mas, mais tarde, quando colocou o uniforme pela primeira vez “vieram todos ver, foram juntos até a esquina”, tios, a avó, os irmãos e primos, além dos pais, obviamente.

O pai de Anna faleceu antes de ver sua filha formada, mas sua mãe fez questão de que a filha não só recebesse o diploma, mas também participasse da festa de formatura e... recebesse o anel, esse que vemos na Figura 07.

Anna venceu: chegou lá. E “faria tudo de novo!” .

No dia da formatura, seu Tio Chico veio para acompanhar Anna e entregar-lhe o anel. E sua mãe, viúva, disse: “Não, quem dá sou eu!”.

Há mais de cinquenta anos a voz de Anna se embarga comovida contando esta história e emocionando quem estiver ouvindo: “Comprou esse anel que eu tenho até hoje!”.

A maneira como esse momento foi importante em sua vida não pode ser colocado em palavras. É um momento de brilho, de ouro, resplandecente anel. Compreende o laço com as pessoas da família que estiveram com ela nos momentos de decisão de suas formas de ser, de viver, de estar no mundo. Compreende o laço com a profissão que abraçou e que, com a paixão pelo ensinar, inspirou tanta gente durante tanto tempo e ainda está a inspirar. Compreende a sua história de vida, de dificuldades, que se opõe a tudo de luxo e de fútil que uma joia também representa. Elas não podiam ter aquele anel e, ainda assim, com sacrifício, sua mãe conseguiu marcar a data da formatura com esse apenas objeto, mas objeto que atualiza as sensações de gratidão, amor, responsabilidade e alegria de uma etapa conquistada em sua vida.

A nós, espectadores, leitores dessas histórias, ele-anel serve para lembrar a força das conexões, dos contatos, das escolhas.

A todo momento somos convidados a agir, a escolher, a construir nossas práticas. O anel está aqui para lembrar que é uma escolha nem sempre fácil, nem sempre prazerosa, nem sempre isenta de sacrifícios, mas que é bela, infinitamente bela, e carregada de outras pessoas, lugares e tempos entre-laços.

Destacamos, de Anna, um objeto pessoal.

c. Um recorte de jornal

De Álvaro, destacamos um objeto de trabalho.

TRIBUNA DE AMERICANA

25 - MAIO - 1966

ENSINO

Alvaro Marques

Inspeção no Ensino Elementar

O inspetor escolar, no meu entender, tem que ser, antes de tudo, um orientador.

Para bem orientar, tem que estar em dia com a legislação e com a pedagogia.

Surgem, então, vários problemas.

A legislação é uma anarquia, que se modifica dia a dia.

Todo ano saem novas normas para classificação de substitutos em escala de grupo escolar. Quando não sai, vem o boato que sairá, e o diretor quando entrega a classificação na D.E.E., já pronta, ainda tem, sobre a cabeça, a espada de Dâmocles.

Como pode dar orientação, o inspetor, quando hoje há licença-prêmio em dinheiro e amanhã talvez não haja mais; quando ele diz que não conta tempo municipal para Adicional e depois passa a contar; quando dá uma orientação para os inscritos em concurso e cada comissão de concurso age de uma forma ou de acordo com seus interesses.

Além das constantes modificações, quase sempre nada resolvendo, ainda temos interferência política. Ex.: diretor de grupo maior designado para grupo menor, não pode, mas, em «certo caso» pôde.

Concluimos, então, que o inspetor está sempre se desatualizando.

A orientação pedagógica sim, o inspetor pode e deve dar, principalmente às professoras de escolas isoladas.

Os diretores também devem receber instruções, principalmente os diretores recém-ingressados, que nunca substituíram diretor.

Ao ingressarem, como diretores, sentem dificuldades sérias em confecção de mapas de movimento, de B.F., etc.

Somente o inspetor escolar poderá socorrer o diretor, perdido nos confins do sertão paulista.

A tarefa do inspetor é importante e necessária, devendo ser ele, um amigo e orientador do subordinado.

Sendo amigo e orientador, passa a ser o líder «natural», o que facilitará a árdua missão de modificar o que considera errado.

Toda visita de inspetor escolar deve ser entendida como de orientação e não como de policiamento.

Inspetor, com cronômetro na mão, escondido, para ver se a professora solta os alunos no horário (pelo relógio dele, é claro);

inspetor que vai cedinho para a estação rodoviária, nas cidades do interior, para ver se as professoras foram mesmo para a escola (e ele mesmo não vai); inspetor que polícia e não orienta, não tem vocação para inspetor, é sherlock frustrado.

Figura 08: O Artigo de Álvaro

Leio esse artigo de jornal pela primeira vez e apenas registro suas ideias principais – o autor defende uma posição de orientação para os supervisores de ensino (os chamados inspetores). Organizo as posições do autor do texto e percebo um posicionamento crítico com

relação a algumas posturas: do Estado com relação à legislação e dos inspetores com relação à supervisão.

A legislação do Ensino o texto critica e chama de “uma anarquia que muda todo dia”. Critica também a interferência política das nomeações, principalmente no caso dos diretores de escola. Além disso, rechaça a função de policiamento do inspetor escolar, do tipo “sherlock frustrado, com um cronômetro na mão, escondido, para ver se a professora solta os alunos no horário (pelo relógio dele, é claro!)” e “que vai cedinho para a estação rodoviária nas cidades do interior, para ver se as professoras foram mesmo para a escola (e ele mesmo não vai)”, critica o inspetor que apenas “polícia”, pois defende que ele deveria, ao contrário, ser um orientador de professores e de diretores em início de carreira, assumindo, assim, a “ádua missão de modificar o que considera errado”.

A leitura do artigo, então, nos traz informações claras e objetivas sobre aquela que deveria ser a função de um inspetor de ensino, a partir da crítica a um modelo comum de atuação no cargo.

Admiro esse homem que desde sempre assumiu aquilo que acreditava e afirmou e reafirmou suas crenças, inclusive publicamente, em um artigo de jornal. A partir daquilo que viveu como professor e inspetor (supervisor de ensino), Álvaro, autor do texto, sabe o que está dizendo. Sua primeira nomeação foi política, a perda dessas mesmas aulas também. Ele viveu o jogo das nomeações de professores no começo de sua carreira. Mais tarde viu os desmandos do governo do estado nomeando diretores. Não se intimidava: criticava-as, como este artigo de jornal nos mostra.

O cargo efetivo, ao contrário da indicação política, confere ao funcionário público a liberdade de, com coerência, lutar dentro de um sistema público contra as suas perversões. Álvaro construiu laços entre as suas experiências e as suas convicções éticas e profissionais.

A nós, leitores de sua história, este objeto serve para lembrar que há caminhos distintos nas várias funções que ocupamos na educação: há possibilidades de acomodação, possibilidades de apenas usufruir de direitos, há possibilidade de atuação crítica. E é possível realmente escolher esta última.

A todo momento somos convidados a agir, a escolher, a construir nossas práticas. O artigo de jornal está aqui para lembrar que a escolha crítica também vem carregada de outras pessoas, lugares, entre-laços.

d. Entre fotos

Entre os objetos de memória não poderia deixar de me referir àqueles que mais me fascinam: as fotografias. Existe algo que se capta em uma foto, ainda que seja posada, que marca um momento e que faz com que esse simples pedaço de papel nos leve a um outro tempo.

Meus pais, Álvaro e Anna, gostam de contar histórias do tempo de escola. Na verdade, eles passaram a maior parte de suas vidas dentro de uma escola, comprometidos com a educação. Depois de se aposentar, Álvaro ainda lecionou durante quase quinze anos. Anna até hoje trabalha na catequese da igreja do seu bairro. Eles não se arrependeram da profissão que abraçaram, pelo contrário, têm orgulho de ser professores.

Em um tempo em que o ofício de professor anda tão desvalorizado, vale a pena recuperar a história de vida de pessoas que se dedicaram à educação.

As fotos de formatura de Álvaro e Anna que trago a seguir estão em dois pequenos porta-retratos na minha sala de estar. Gosto de olhar para elas de relance de manhã, antes de começar o meu dia de trabalho. De certa forma, elas me inspiram a fazer o que eu faço.



Figuras 09 e 10: As Fotografias de Formatura de Álvaro e de Anna

Ele esboça um leve sorriso, quase imperceptível, e olha com segurança e altivez para a lente. Como ele mesmo disse, estava preparado para o trabalho, queria logo partir e conquistar seu espaço profissional. Ela abre um sorriso enorme. Já sabemos quanto custou chegar à formatura, sabemos o quanto lutou para poder pelo menos ter autorização da família para estudar. Está orgulhosa. Gosta da profissão que escolheu. “Faria tudo de novo!”.

Retirei as fotos das molduras para escaneá-las e surgiu a surpresa. Há uma dedicatória na foto de Anna: “Para a manha mui querida esta recordação, que sirva como estímulo e que brevemente receba uma sua nas mesmas condições, Anita – Pira, 22-12-1955”. Talvez ela tenha ficado para trás e não tenha sido entregue por causa da palavra “manha” ou porque a palavra “condições” está borrada, mas de qualquer maneira, a ideia que fica é de que a foto é um estímulo a alguém que estudava, afirmando que se formar era motivo de orgulho, que a pessoa devia continuar lutando, valiam a pena os sacrifícios, aquele que continuasse estudando terminaria com um grande sorriso no rosto, como o dela.

Meus pais me ensinaram a estudar. Eu e minhas irmãs. Entre as cinco filhas, três são hoje professoras. Duas já têm o título de mestre e uma é doutora. Uma delas já aposentou como professora, mas continua atuando, e pensa em continuar seus estudos, mesmo já com uma especialização em Educação Especial.

Aprendemos com eles a respeitar o outro, o aluno, a ficar do lado deles, a ensinar com vontade de ensinar, com responsabilidade e sentimento. Buscamos ser boas professoras, somos queridas, como eles foram e são.

Eu me aproximo da minha segunda graduação. Já formada em Letras, estou terminando o curso de Pedagogia. Neste momento em que me aproximo da história dos meus pais, não consigo deixar de pensar na minha própria história e na minha formação.

Tenho pensado muito em minha formatura anterior. Eu também estava, naquele tempo, feliz e orgulhosa de concluir uma etapa de estudos. A minha foto de formatura traz uma jovem parecida com eles, pronta para trabalhar e exercer sua profissão.

Fui revisitar o meu álbum de formatura e trago para este trabalho a minha foto favorita daquele momento, aquela em que eu estou entre os dois, emocionada. Tinha acabado de entregar uma rosa para minha mãe e os dois estavam comigo naquele momento de alegria. Eles estão felizes por mim e provavelmente por eles também. Mais uma conquista dos filhos é uma conquista para o casal.

Sou grata por ter chegado até aqui na companhia deles.

Álvaro e Anna. Sua história continua.



Figura 11: A Fotografia da Minha Formatura em Letras

Do Tangível e do Intangível

Com Goodson (1985) aprendemos que as experiências de vida dão forma à maneira como a educação é vista e como o professor se organiza nela; a cultura e a vida do professor têm impacto em sua carreira e na sua atuação como professor; deve-se localizar a história de vida individual na história de vida de seu tempo. Entender como os professores alcançam, mantêm e desenvolvem a sua identidade nos ajuda a entender suas ações e o seu compromisso enquanto professores.

Este trabalho tentou mostrar a importância do encontro com outras pessoas em nossas carreiras, evidenciando nossas escolhas sempre em relação com o outro.

Se retomarmos aquela discussão inicial de memória e de atualização, veremos o que se atualiza neste exercício de escrita e de história de vida.

Atualizam-se as disputas, as lutas. As disputas por espaço profissional, as lutas até pelo simples direito de estudar. As histórias de Álvaro sempre apontando para uma visão mais atenta a questões da estrutura, do funcionamento do ensino. As histórias de Anna acenando para o lado mais pessoal da educação, dos encontros.

Atualizam-se as dificuldades da carreira, o sempre difícil e árduo início, mesmo que nos sintamos preparados para exercer nossa tarefa. No começo, Anna e Álvaro não sentiram o despreparo no trato com o assunto a ser ensinado ou com as crianças – segurança garantida no curso normal de excelentes professores e no estágio supervisionado, mas lembraram a importância de um colega de profissão que os orientou a planejar suas aulas, ou o inspetor de aluno que conhecia a legislação e liderava com segurança as pessoas sob sua supervisão.

Atualizam-se objetos de memória, reveladores de seres em movimento e mergulhados em sentimento. O anel de Anna sempre a nos lembrar a lutar por nossos sonhos; o artigo de Álvaro reafirmando a força das nossas ideias; o *caderninho* que nos remete ao cuidado com o ensino; as fotografias que marcaram um momento de afirmação profissional... Os objetos que guardamos estão mergulhados em laços, são cicatrizes no tempo e atualizadores de impactos e de desdobramentos em nossas vidas e nas outras. Um homem, uma mulher. Dois profissionais da educação percebendo e encarando suas vidas de maneiras distintas e assumindo seus riscos.

Na narrativa das histórias de vida, atualiza-se o momento de decisão pela carreira e

suas quebradas e mudanças de rumo e de lugar. Atualiza-se o desejo e a coragem de fazer isto ou aquilo. Como escolher uma profissão, quando voltar a estudar e fazer um novo curso (pedagogia), quando abandonar um lugar, uma escola, uma classe... Estas decisões são tomadas no nosso cotidiano. É bom falar, escrever, ler, ouvir sobre essas escolhas e mudanças de rumo. As coisas não seguem linha reta nas nossas vidas. Há idas e vindas, às vezes porque precisamos de uma amiga por perto no local onde vamos trabalhar, às vezes porque o prefeito mudou de ideia e nomeou outro professor para a vaga que nos prometera, às vezes porque alguém simpatizou ou antipatizou conosco. E vamos... E voltamos... E continuamos.

Atualiza-se nesta escrita a presença de pessoas importantes em nossas vidas, a professora de Anna, o colega que indicou trabalho para Álvaro... Neste sentido, os laços, inclusive entre eles, a parceria na construção das carreiras paralelas e, ao mesmo tempo, individuais. Um respeito pela educação e pela vontade de fazer direito – dos dois.

Atualiza-se sobretudo o orgulho e o respeito desta estudante de pedagogia, filha dos dois, que percebe neles uma dignidade profissional e história de formação que funcionam para nos inspirar a também aproveitar os espaços entre laços para crescer e fazer de nossas profissões algo cada vez mais rico, cada vez melhor.

O que se buscou fazer aqui foi trazer à luz elementos que nos ajudem a pensar também nossas práticas, na certeza de que um dia também teremos pessoas para lembrar, objetos pra rever, textos publicados que confirmem o nosso pensamento sobre a nossa profissão, e laços que tragam outros sentidos para as nossas vidas.

O que era tangível ficou sensível em nossas mãos, em nosso olhar. O intangível continua aí a ser explorado ou nunca conhecido, ou apenas sensação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, Sergio. " O olhar viajante (do etnólogo)". In: NOVAES, Adauto et alli, *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

DELEUZE, Gilles. *Cinema 2 – A imagem-tempo*. Tradução de Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2007.

_____. *Diferença e Repetição*. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

GIESBRECHT, Ralph Mennucci. *Sud Mennucci: memórias de Piracicaba, Porto Ferreira, São Paulo...* São Paulo: Imprensa Oficial, 2003.

GOODSON, Ivor F. *The changing curriculum: studies in social construction*. Great Britain: P. Lang, 1997.

GOODSON, Ivor F.; ANSTEAD, Christopher J.; MANGAN, J. Marshall. *Subject knowledge: readings for the study of school subjects*. Great Britain: Falmer Press, 1998.

GOODSON, Ivor F.; BALL, Stephen. *Teachers' Lives and Careers*. Great Britain: Falmer Press, 1985.

GOODSON, Ivor F.; MARSH, Colin J.. *Studying School Subjects: a guide*. Great Britain: Routledge Falmer, 1996.

GOODSON, Ivor F.; WALKER, Rob. *Biography, identity, and schooling: episodes in educational research*. Great Britain: Burgess Science Press, 1991.

MATTOS, Isabel Cristina Rossi. *A concepção de educação nas obras de Sud Mennucci*. Campinas, SP: [s.s.], 2004.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O Trabalho do Antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Unesp, 1998.

SARLO, Beatriz. *Paisagens Imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação*. Tradução de Rubia Prates Goldoni e Sérgio Molina. São Paulo: EDUSP, 2005.

_____. *Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução de Rosa Freire Daguier. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. Centro de Referência em Educação Mário Covas. Histórias de Escolas Estaduais Paulistas. *Escola Complementar de Piracicaba*. Disponível em http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/neh/1897-1903/1897-Escola_Complementar_de_Piracicaba.pdf. Acesso em 01 de abril de 2010.

REFERÊNCIAS DAS IMAGENS

Figura 01: Fotos Antigas de Escolas de Piracicaba. Disponível em <http://fotospiracicaba.blogspot.com/2009/07/fotos-antigas-de-escolas-de-piracicaba.html>.

Acesso em 02 de abril de 2010.

Figura 02: Introdução ao Álbum Comemorativo dos 25 anos de Formatura da Turma de 1953.

Figura 03: Capa do Álbum Comemorativo dos 25 anos de Formatura da Turma de 1953.

Figura 04: Visto do Inspetor de Ensino Rural

Figura 05: Exemplo de Reprodução

Figura 06: O Conteúdo Mensal por Série

Figura 07: O Anel de Anna

Figura 08: O Artigo de Álvaro

Figura 09: A Fotografia de Formatura de Álvaro

Figura 10: A Fotografia de Formatura de Anna

Figura 11: A Fotografia da Minha Formatura em Letras

ANEXOS

Anexo 01: Relato sobre o quase primeiro emprego de Álvaro

Anexo 02: Relato sobre a primeira experiência como professor efetivo de Álvaro

Anexo 03: Relato sobre a busca de trabalho como professora de Anna

ANEXO 01

Relato sobre o quase primeiro emprego de Álvaro

“Aí eu fiquei lá. Mas antes disso eu fui pra cidade¹³, que o rapaz¹⁴ tinha dado o lugar na cidade numa escola lá, o lugar pra mim, né? Eu fui, fiquei lá e era municipal e o prefeito ficou de me deixar como professor no lugar dele. Fomos na casa do prefeito, conversamos tudo, certinho, tudo. Aí fiquei dando uns dois três dias de aula, mas, e o meu companheiro foi embora. Ele... apareceu lá um sujeito de Piracicaba que estudou com nós, né?, c’a gente, ele tinha ganho um prêmio de... de..., na Revista Cruzeiro, a melhor revista da época, fez um concurso, e ele ganhou o concurso pra estudar na is... na Itália. Uma voz de tenor. Ficou lá, voltou, super valorizado, né?, então ele fazia excursões, ia de cidade em cidade assim, fazendo apresentações, né? Aí, nessa altura ele apareceu por lá e nós fomos atrás dele ia jantar na casa de um, de outro, ele convidava e os amigos dele tinham que ir, eu e o outro, né? Então, né?, (ri) era quando a gente comia melhorzinho um pouco (ri). Mas... ele ia só ficar um pouco: dava o recital e ia embora, né? E eles dois iam embora, seguir pra frente e eu fiquei lá com a... com a escola, com a classe. Mas dois dias, três dias depois o sujeito, o prefeito, em vez de me nomear, nomeou uma outra moça, apareceu a moça, pegou o meu lugar e eu fiquei na rua, devendo barbaridade lá. Tudo sem um tostão no bolso. (ri) Falei: “e agora?” Daí conversei com a mulher da pensão e ela deixou, falou “vai embora, tudo bem, não tem problema, não vai morrer por causa disso”. Tava vendo que eu não tinha condições, falou: “tudo bem, se um dia você puder pagar...” Aí eu fui embora, fiquei arrumando as malas pra ir no outro dia embora, ver se chegava em casa antes que acabasse o dinheiro. Mas aí o... o... o... surpreendentemente encontrei o rapaz, o Monaco, apelido dele era Monaco, “ué!? Quê cê tá fazendo aqui? Cê não foi com o Riguetto?” “O que aconteceu?” Aí ele contou, falou, eu tô mas eu fui lá, vou na frente, levo os álbuns dele, as coisas da Itália, os prêmios dele, tudo, a Revista Cruzeiro, aquela coisa toda, como empresário, aí a gente acerta tudo, aí eu vou aonde ele tá como empresário mesmo, aí ele dá o recital. Nessas alturas eu já tô em outra cidade e vou fazendo a propaganda dele. E daí? Daí voltei aqui. Pra mim deu zebra, e contei tudo pra ele. Ele falou: “Iih, não me diga. Eu vou lá!” Aí fomos na casa do prefeito, pedir. Mas como

¹³ Álvaro fez algumas anotações nos anexos quando revisou o trabalho. Aqui inseriu o nome da cidade: Fernandópolis.

¹⁴ Monaco era seu nome.

é que cê faz uma coisa dessa? Metemo a boca na cara do prefeito! (ri) Cê vê a falta de caráter, cê vê a situação que a gente fica. Metemo a boca nele. (ri) Bom, ele falou “vamo pra Votuporanga”. [Ah, e não deu nada? Falou, brigou com o prefeito e foi embora?] “É... Nada mudou. É política...”¹⁵

¹⁵ “O Monaco e eu fomos à Votuporanga falar com o tio dele. Foi aí que recebi do tio (supervisor de ensino) a indicação para a escola de Dolcinópolis. Meses depois, voltei para Fernandópolis só para pagar a dívida que tinha deixado”.

ANEXO 02

Relato sobre a primeira experiência como professor efetivo de Álvaro

“Uma loucura, uma loucura total. Remoção e ingresso. Era o estado de São Paulo. Cê chegava lá e tem família, tem filho, tinha que estudar, não sabia onde era a escola... Como é que é isso? Outro vinha pra falar, pra explicar... Aquilo ia longe, né? E eu, fazia Piracicaba, fazia uma rodinha assim, quero estas aqui e estas aqui, depois fazia uma rodinha maior um pouco... Eu era solteiro, então não tinha nenhum problema de morar assim (ri). Aí eu de acordo com o círculo, né? (ri) Ingressei numa usina. Prática... Aparentemente uma espetacular escolha, né?, porque era perto de uma usina, tinha luz até as dez também, tinha condução para a cidade, Fernandópolis era muito boa cidade pra gente vivê, era Ourinhos, aliás, Ourinhos e Santa Cruz do Rio Pardo, né?, que ficava... a usina ficava no meio. Mas eu encontrei com um bando de assassino, vamos dizer assim, os usineiros eram uma... meio explorador, memo, mas no último grau, né?, faziam umas barbaridades, acabei brigando com eles lá por causa de... Cê punha uma baciinha, pus uma baciinha pra molhar o pincel e fazer a barba, e o home disse que eu tava gastando água demais pra lavar a cara na baciinha... (ri) Mas o nego era grosso demais, né?, e ele me pegou numa... falou... e ele... nunca me deram carona. Tinha uns bons três quatro quilômetros pra pegar o ônibus. Eles tinham usina carro caminhão, iam pra cidade, voltavam, não me davam uma carona! E eu ficava tranquilo, tudo bem... Então não tinha opção, lá era péssimo, bandido, sífilítico, tinha tudo dentro daquela pensão e fora, então era pior ainda, né?, Deus me livre, só ladrão... Iam parar tudo naquela usina lá. E eu fiquei aquele tempo ali e... quando vinha um dia, vinha vindo, desci do ponto, ele parou com o carrão dele, a primeira vez que ele me convidou, entrou e veio me chutando de lá aqui por causa da bendita água, eu falei: “mas não acredito que ocê tá falando uma bobagem dessas, por causa de um fio d’água”. Aí ele xingou, eu xinguei, tivemos uma discussão desgraçada dentro do caminho... do carro... até chegar na usina. E desci e aí no meio de todo mundo, na hora da janta, um monte de gente pra jantar na coisa, e ele fez um... “agora cê vai pegar suas mala e vai sumir daqui agora! Cê vai ver...” Eu falei, “que vai nada! Amanhã EU vou porque não quero mais esta porcaria aqui. Cê é muito grosso e eu vou embora tranquilamente. Hoje eu vou dormir sossegado aqui e cê não vai me encher o saco” “Porque você não vai... xhxhxx” Eu falei “num adianta cê teimar”... [A escola era dentro da usina?] “É.” [Mas era uma escola estadual?] “É.” [Ele não teria nenhum poder de fazer isso, né?] “Não... Grossura rinso, né? Aí

eu peguei, dormi, no outro dia peguei o ônibus, peguei a maleta, falei “não vou ficar mais aqui memo”. Arrumei tudo, peguei e pchu... Despedi pra.... e fui embora. Cheguei lá e contei a história para o supervisor, que falou “olha, o senhor é o primeiro que teve peito de enfrentar isso aí, porque isso aí é famoso e faz muito tempo, mas ninguém fala nada. Cê pode deixar e ficar tranquilo aí que nós vamos fechar a escola já. (ri) Tá bom, então. Fecharam a escola! Aí eu fiquei adido na Delegacia, né?”

ANEXO 03

Relato sobre a busca de trabalho como professora de Anna

“Daí uma amiga, uma outra professora veio e falou: “Anna, eu vou casar, eu abandonei a minha escola”, ela falou: “é , tá lá sem ninguém, porque num deu tempo de ninguém fazer nada, delegacia, nem de levantar a escola”. Lá passei as mão nas mala e lá fui eu pra Botucatu, eu com essa colega outra vez. Daí eu cheguei na delegacia e falei: “vim atrás de uma vaga, assim assim... em tal lugar assim, assim assim”. Ele falou: “essa escola, a titular é Dolores Alonso”. Até o nome da professora eu lembro. Dolores Alonso. Ela falou.. “ela abandonou a escola não quer mais pediu demissão e eu vim pra ficar com a escola”. O delegado olhou pra mim, eu tinha dezoito ano, era magriiiiiinha, (ri), olhou pra mim e deu risada, ele falou: “não é assim que funciona!” (nós duas rimos) Eu falei assim “se não tem ninguém, se a escola estava, está sem.. eu posso ficar com ela, não posso?” Ele falou: “não é assim que funciona. Mas... espera um pouco”. Pegou o telefone, ligou num número... num pode nem contar isso pra frente que... Falou: “Fulana, tem uma escola assim assim assim em tal lugar blablalba, um lugar difícil, num sei o que num sei o que... Cê tem que decidir já se você quer ou não”. O que que a pessoa do outro lado vai falar? “Não.” Assim ele eliminou quem estava na minha frente, passou um papel e eu era a dona da escola. Ele falou assim pra mim... [Ah, ele ligou pras professoras que estavam na fila...?] Das que estavam na lista que eu não estava em lista nenhuma. Ele falou (ri)... Ele falou: “agora...”. Chamou uma servente, da delegacia, uma... uma lá. Falou: “Escuta, não tem acomodação pra essas duas moça na sua escola... na sua casa?” [Ah, e a colega?] Ah, arrumou pra ela também. [Ah... Quem que era essa?] A Clarice De... (incompreensível). Daí fomos as duas lá dormir na casa da... auxiliar, pra no outro dia cedo pegar o ônibus pra Botucatu, pra depois pegar... Não, daí eu estava em Botucatu, pousamos em Botucatu. Pegar ônibus pra Avaré, pra de Avará pegar o ônibus pro lugar onde eu ia lecionar... E ela... no meio do mato também. Ficamos as duas... longe uma da outra, não ficamos junto. Mas lá fomos nós.”